



♧ 44 Anos ♧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

Este livro foi composto e diagramado
nas fontes: Arial corpos 8 e 11, Times New Roman corpo 11.
Miolo em papel OffSet 75 g/m² - 1 Caderno em Couchê 115 g/m²
e capa em Cartão Triplex 300 g/m²
Impresso pela Navegar Gráfica e Editora em novembro de 2022.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 24 ANO XXIV 2022



NAVEGAR EDITORA[®]

Copyright © 2022 Academia Guarulhense de Letras
Revista nº 24 Ano XXIV 2022 - Edição dos 44 anos

Todos os direitos desta edição, reservados para:
ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

ISBN: 978-65-990711-0-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

24ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL Guarulhos - SP: A Academia 2022 Vários autores - ISBN 978-65-990711-0-2 1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras 3. Poesias brasileiras - coletâneas <p style="text-align: right;">CDD - 869.9308 869.9108</p>
--

Ficha Técnica

Coordenação editorial: *Valdir Carleto*
Revisão: *Clovis Domingues, Fábio Cardoso dos Santos, José Roberto Jerônimo e Valdir Carleto*
Diagramação: *José Roberto Jerônimo e Valdir Carleto*
Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*
Capa: *José Roberto Jerônimo*

Editora: Navegar Gráfica Distribuidora e Editora Ltda.
Endereço: R. Cel. Emídio Piedade, 659 - São Paulo - SP
CEP 03018-010 - Fone 11-3482-5055
Site: www.navegareditora.com.br
E-mail: navegar@navegareditora.com.br

Academia Guarulhense de Letras - AGL
Endereço para correspondência:
Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro
Guarulhos - SP - CEP 07115-020
Site: www.academiagarulhense.org.br



44 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

DIRETORIA 2021 / 2022

Presidente:

Valdir Carleto

Vice-presidente:

Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Secretário geral:

Mauro dos Santos Oliveira

1ª Secretário:

Teresinha Silva Maltez de Souza

2ª Secretário:

Clovis Domingues

Tesoureiro geral:

José Augusto Rodrigues Pinheiro

1ª Tesoureiro:

Fábio Cardoso dos Santos

2ª Tesoureiro:

José Roberto Jerônimo

Conselho Fiscal

Presidente: Antonia Conceição Vaz Duarte; Isabel Borazanian
Macedo de Oliveira e Jacques Miranda de Oliveira

Suplentes:

André Figueiredo Rodrigues; João Bosco da Silva
e Gil Campos de Farias

Orador oficial:

José Augusto Rodrigues Pinheiro

EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999, e atualizado com o brasão da Academia Guarulhense de Letras.

Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta
On demande l'échange - Man bitter um austausch
Si praga l'intercambio*



❧
44 Anos
❧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	
<i>Bismael B. Moraes</i>	11
PARTE I - Artigos	
ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE	15
AURA GOLD	27
BISMAEL BATISTA DE MORÃES	37
DEVANILDO DAMIÃO	45
ELAINE PATRÍCIA MALTEZ SOUZA FRANCESCONI	53
FÁBIO CÁRDOSO DOS SANTOS	61
FERNANDO CANTO BERZAGHI	75
ISABEL BORAZANIAN	85
IVO DE SOUZA	95
JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO	103
JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO	111

MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA	121
TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA	127
VALDIR CARLETO	131
YANNICK BASSUMA	139

PARTE II

NOTA FÚNEBRE - ARY BADDINI TAVARES	147
--	-----

PARTE III

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ...	151
--	-----

PARTE IV

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI	163
--	-----

PARTE V

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA	165
---------------------------------------	-----

PARTE VI

GALERIAS	169
----------------	-----

Os textos representam opiniões de cada acadêmico.
A Academia, por sua Diretoria constituída,
não interfere no conteúdo dos autores.



44 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

APRESENTAÇÃO

Ousaríamos perguntar: qual é o papel de uma Academia de Letras, especialmente em um país no qual a educação, embora essencial para o progresso dos indivíduos na sociedade, não alcançou ainda uma vontade coletiva, de tal forma que, independente do pouco interesse de grande parte dos políticos e governantes, seja um ponto de honra para toda a população, rica ou pobre, imprescindível como o oxigênio seria para a vida física de cada ser humano?

Este sentimento é o que manteria os membros de nosso Sodalício, desde sua fundação, por pessoas que não desejam apenas os louros de pertencerem a esta agremiação, mas de contribuírem com o seu conhecimento e sua experiência para iluminar as mentes de quantos tiverem interesse na leitura dos trabalhos inseridos nas páginas desta Revista da Academia Guarulhense de Letras!

Há sempre assuntos culturais publicados nessa Revista, assuntos que, para serem absorvidos, necessitam apenas do interesse de cada leitor, descobrindo o seu conteúdo, seja para se extasiar de prazer, seja para exercer seu

poder de crítica, porque é assim, pelo conhecimento, que todos evoluímos!

Por isso, esperamos que todos os leitores desta Revista da AGL sejam surpreendidos com os trabalhos aqui publicados, pois será o conhecimento das letras nela contido que representa o resultado do pensamento de seus autores e se presta ao registro perpétuo dos membros da Academia Guarulhense de Letras. Boa leitura a quantos tiverem o prazer de manuseá-la.

Bismael B. Moraes

Mestre em Direito Processual Penal pela Universidade de São Paulo – USP e membro da Academia Guarulhense de Letras, presidente no biênio 2006-2008



🌀 44 Anos 🌀
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE I - ARTIGOS

**ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE**

A BICICLETA DE ANITA

Não existe história velha, existe história que ainda não foi contada.

Queria ir à quermesse da igreja de Santa Teresinha, em Santana – São Paulo. Coração batendo acelerado, o medo habitual da transgressão, que a fazia ainda mais ágil, saltou ligeira a janela do seu quarto. Quarto? Era mais um depósito da mercearia, espaço compartilhado, à revelia com ratos, baratas, traças, grilos, mosquitos, aranhas e outros insetos que ainda não sabia nominar.

Rolou ribanceira abaixo do imenso quintal, onde ficavam os animais domésticos – seus fiéis amigos – contornou a casa e, sôfrega, alcançou a rua.

Anita, próxima dos seus nove anos de idade, vivia a década de 50, quando meninas ainda não tinham muito espaço social nem familiar. Sorte dela que gostava da escola, da igreja, dos animais, da vizinhança...

Esse aparato social, por vezes, suavizava as agruras domésticas, a rudeza do trato parental do lar... Doce lar!

Subiu a rua Augusto Tolle, a Francisca Júlia, cortou caminhos entre trilhas, no intrincado matagal e foi em direção à sua Disneylândia.

Exausta, sentou-se no primeiro degrau da escadaria da instituição religiosa e observava o movimento, quando avistou Rose, sua amiga. Agora sim, o contentamento era pleno: alegria e diversão teriam compartilhamento.

Gente se encontra e se toca... Interage! É nesse lugar da troca o lugar onde mais se aprende. Espaço de viver emoções profundas, que recordaremos a vida inteira.

Duas meninas que se identificavam nas diferenças: uma portuguesinha branca, a outra nordestina marrom. Ambas não eram dali. Uma tão só, a outra cheia de irmãos. Uma riqueza!

A franzina e forte Anita era filha única, estava sempre em busca de companhia. Não tinha licença para brincar. Era de domingo a domingo na mercearia. Na escola, encontrava seu momento de lazer; daí sua paixão pelo estudo.

O exigente e enérgico Alberto valorizava muito o estudo. Habitualmente lia dois jornais e comparava as notícias. Depois, comentava-as com a filha. Era, nesse quesito, seu grande incentivador com o doce reforço materno.

Cedo, desde tenra idade, Anita ajudava de forma contínua no árduo labor familiar. Perseguiam o contumaz desejo paterno do imigrante que veio à terra estrangeira, para “vencer na vida”, a custo do que fosse: sangue, suor e lágrimas de saudades vertiam d’alma!

Lembranças da aldeia, que a cada Natal e Páscoa ficavam mais longe, dessas distâncias melancólicas cantadas no fado.

Algumas vezes, Alberto, circunspecto, mirava Anita e dizia:

– Sou uma história, você é uma história. Juntos, representamos a história da humanidade. É o resultado de um passado comum, subjetivado em cada indivíduo, tornando-o uma pessoa única. Fantástico é ajudar a transformar um indivíduo numa pessoa, e numa pessoa boa! Educar filhos foi o maior desafio que enfrentei na vida.

E o Sr. Alberto continuava:

– Ao escolhermos um caminho, é preciso acertar a direção, conduzida pelo amor. Só assim se chega a um destino no rumo certo, independente da velocidade. O Brasil foi a rota...

Onde fosse, a garota levava consigo a fala paterna.

Anunciava-se o crepúsculo e já se arrematavam os últimos preparativos da festa paroquial. Alegria! Alegria!

Rose e Anita corriam toda a quermesse, detinham-se onde o olhar era fisgado: barracas de sorteio, pescaria, tiro ao brinde, correio amoroso, barracas de comidas típicas. Os poucos trocados, alguns cruzeiros, deveriam ser bem gastos, no que realmente desse prazer.

Os olhos de Anita cintilavam ao ver uma bicicleta, tal qual um caleidoscópio. Era um regalo para os sentidos, combustível para suas fantasias.

Algumas crianças abastadas desfilavam velozes, exibindo suas habilidades e arriscadas acrobacias em duas rodas. Esses objetos de desejo eram inalcançáveis para a pobre menina, que não recebia presentes, nem no seu aniversário. Cada centavo era poupado, destinava-se ao pagamento de pesadas duplicatas.

A festa paroquial estava no auge da agitação, quando a fujona lembrou-se de voltar para casa. Se o pai atento e cuidadoso sentisse falta dela, coitada!

Súbito, Anita agarrou a mão de Rose, o algodão doce e disparou ladeira abaixo no sentido da casa. Era pura adrenalina... Chegar antes de darem por sua ausência era fatal!

– Oi, mãe, a imagem de Nossa Senhora vem visitar nossa casa, neste maio; precisamos arrumar tudo!

– Pois, filha, já falei com a Margarida; ela cuida da catequese e da visitação. Vai dar comida para o Bobe, deve estar com fome... Olha o bulício dele!

Era preciso disfarçar a escapadela. Nisso Anita era uma atriz!

– Mãe, ontem o Bobe me acompanhou até o Frontino Guimarães e ficou na porta da sala. Enxoteio-o, quase bati nele e nada. Com a língua de fora, exausto e alegre, abanava o rabo, como se estivesse a dizer que me venceu: “consegui te acompanhar sem ser visto e cheguei junto. Ninguém me tira daqui!”. A professora ficou brava, disse que não assistiria mais à aula com o cão. Amanhã, vou tentar sair sem o Bobe perceber. Deus me ajude! Já levei muito sopapo...

No dia seguinte, ninguém viu o Bobe... Um freguês da mercearia disse que a Carrocinha de Cachorros¹ havia levado seu mestiço Pastor Alemão.

– Certamente nosso cão teve o mesmo destino – suspirou angustiada a mãe de Anita.

Dona Estela correu em desespero, pedindo socorro ao marido Alberto.

1. Carrocinha de Cachorro “Carrocinha” é como são conhecidos os veículos dos Centros de Controle de Zoonoses (CCZs), órgãos municipais encarregados de capturar e sacrificar cães e gatos sem dono. Hoje, os CCZs, para controlar a população de cães e gatos, fazem campanhas de castração e vacinação gratuitas.

Afligia-se a bondosa mulher, com a situação degradante a que muitos animais eram submetidos: maus tratos, fome, sede, frio, tortura, exploração, desamor e abandono.

Doravante, Anita não precisaria mais esconder-se do Bobe, na trilha da escola. Não havia nem sinal do vira-lata. A tristeza inundou todos, em particular a linda menina magrinha do cabelo liso.

Quebrando o luto, ouviu-se um alvoroço. Gritos vindos da rua, manifestação de alegria coletiva ensurdecidora! Um entusiasmo contagiante. Eram crianças e adolescentes correndo atrás de um caminhão.

Espreitou na janela. Anita ficou estupefata com a visão do paraíso...

– A nossa TV chegou! – berrou a garota feliz, ansiosa e descontrolada. Rapidamente, juntou-se ao cortejo eufórico e desorganizado.

O caminhão do Mappin² aproximava-se com a telinha giratória. A televisão³ era sonhada e aguardada há dias, por toda a família, vizinhos e fregueses.

Televisão era um artigo de luxo na casa dos brasileiros. A família de Anita era uma das primeiras do bairro a adquirir esse objeto hipnotizador. Nada mais seria como antes. As saudades e a melancolia da garota pelo sumiço do cão amigo tiveram um lenitivo...

O primeiro dia em que a TV foi ligada deu-se com grande pompa e plateia; um vizinho avisou o outro. De boca em boca, os fregueses foram chegando, amontoaram-se numa expectativa alucinante.

2. Mappin: Empresa fundada em 29 de novembro de 1913 na cidade de São Paulo como uma loja de departamentos. Pioneira, reunia produtos de diversos tipos em um único local. Em 29 de julho de 1999, o Mappin encerrou suas atividades.

3. A primeira transmissão televisiva ocorreu em 18 de setembro em 1950 com a TV Tupi, idealizada pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand.

Os artistas do rádio, atores e atrizes das radionovelas⁴ e os locutores iam sendo identificados e ovacionados como ídolos, agora bem íntimos: gritos, sussurros, choros e suspiros alternavam as manifestações emocionais reverberantes.

Inseparáveis nos momentos dramáticos, Rose e Anita estavam assustadas e felizes. Protegeram-se atrás de uma coluna de caixas de mercadorias. Tinham a visão privilegiada dos espetáculos que aconteciam na TV e no ensandecido auditório, palco improvisado da mercearia.

O espetáculo televisivo seria o grande momento de cultura, lazer e entretenimento que fez história na rua Augusto Tolle. Uma janela para o mundo, de onde Anita foi apresentada ao teatro, à música erudita, ao esporte e a toda produção cultural da época. Incluía-se a baixaria de costumes. Cabia à menina selecionar valores que certamente ajudariam a lapidar sua personalidade.

Brigas regadas a muita cerveja e garrafas quebradas no chão e nas cabeças dos adversários embriagados em dia de clássico esportivo. Cenas dantescas e fascinantes se revezariam, no comércio, de agora em diante.

– Estela, sábado próximo, será a final do campeonato. Vamos nos preparar para lavar todo o chão novamente... Paz! Deus nos ajude!

Muita confusão por vir, promete esse jogo decisivo – alertou firme o jovem Alberto, atento a todo o vandalismo que produzia a tresloucada audiência. Fatos similares seriam recorrentes, com a

4. Radionovela é um tipo de drama radiofônico no formato de uma narrativa folhetinesca sonora, nascida da dramatização do gênero literário novela, produzida e divulgada em rádio, principalmente na América Latina. Na era de ouro do rádio, as radionovelas foram fundamentais para que a história do rádio brasileiro se configurasse. Elas estimularam a imaginação dos ouvintes (fundamentalmente mulheres, as senhoras e senhoritas que acompanhavam o enredo) e projetaram uma série de rádio-atores que, posteriormente, migraram para a televisão.

chegada sedutora desse artefato tecnológico das comunicações. O rádio iria acabar? – indagavam alguns.

Defender seu pequeno patrimônio, seu ganha-pão e sustento familiar eram desafios constantes. Quanta luta enfrentaria esse pobre imigrante, às vezes corpo a corpo. Muitas vitrines quebradas, mercadorias e mercadorias violadas... Raramente chamava a polícia para não aumentar a violência e se indispor com os assíduos fregueses.

Se toda violência é uma demanda de amor, então amemos até surgir um afeto positivo – pensava Alberto, que alternava situações de guerra e paz.

De chofre, uma visão comovente, que arrebataria Anita e a família ao êxtase: era um alarido feliz... Bobe latindo e Alberto, acompanhando o cão, pareciam duas crianças... O guerreiro lusitano trazia um troféu do Centro de Controle de Zoonoses, são e salvo!

Porém, alguns dias depois, o papo do animal inchou. Formou-se uma bolota ainda maior do que das vezes anteriores. Intumescido, cheio de sangue escuro, líquidos e fluidos, não era a primeira vez que ficava empapuçado, nem a última. O desconforto era enorme, pobre vira-lata!

Tio Jô fez papel de veterinário. Nem pessoas iam ao médico! Só em situações-limite. Recorria-se ao farmacêutico, à vizinha experiente, à benzedeira, a orações e ao tempo... A medicina ainda evoluiria muito e o acesso a ela também.

O jovem rapaz sacou uma Gillette e rasgou o papo do infeliz animal... Coitado! Vazou impureza para todo lado. Não era a primeira cirurgia canina que sofrera. Esse procedimento era feito para alívio do cão e provocava muito sofrimento e choradeira em todos.

Anita, em soluços, afastou-se; não suportaria escutar nem ver tanto horror. Chorava um pranto salgado, calada na solidão.

Foi consolar-se no grande quintal da casa alugada, contígua ao comércio, que se estendia até a linha do trem. Junto com os animais, iria ter guarida e afeto.

Ali, a menina deparou-se com uma nova construção: um formigueiro novo, feito de terra macia depois da chuva... Fofa... Fofa!

Admirada, com seus olhos e dedinhos, acompanhou a carreira de insetos carregando folhas tenras, bem maiores que seu corpo. Deixava-as ir fabricar seu alimento e, da colônia, muitos ovos a eclodir... Ainda não sabia nada de Budismo, porém intuíva que tudo o que vive merece viver!

Graças a Deus que tudo passa...

Alguns dias e logo Bobe estava recuperado e saltitante, para alegria de todos.

– Rose, vamos comigo na bênção do Santíssimo? Depois tem uma gincana no Instituto Madre Mazarello. É muito divertido! As freiras fazem muitas brincadeiras conosco depois das rezas. Sua mãe vai deixar, eu sempre vou aos cultos da Igreja Batista com vocês. Adoro os cânticos de louvor e as histórias da bíblia para crianças.

Com a bênção da mãe Leu, seguiram eufóricas em direção à igreja de Santa Teresinha.

Alguns colegas do Frontino Guimarães lá estavam a desfilar galantes em suas bicicletas. Anita os fitava encantada com intensa admiração, deslumbrada pelo reluzente veículo de duas rodas. Norberto percebeu seu entusiasmo e bradou:

– Anita, quer dar uma voltinha?

– Posso? Não acredito... É tudo que sonhei!

– Tchau, Rose!

Subiu célere na bicicleta novinha em folha e afoitamente Anita pedalou! Pedalou ladeira abaixo, sentindo muitas forças nas pernas, o ritmo do coração, o pensamento em camadas, o vento a esvoaçar-lhe os cabelos, experimentando uma sensação nunca vivida e sempre sonhada. Era irreal, inimaginável... Acelerada, subiu as escadarias da igreja.

A bicicleta, quase virgem, espatifou-se em mil pedaços; não era um veículo para subir escadas...

O corpo da pobre menina ficou todo esfolado, cheio de hematomas, até no púbis. Sorte que não quebrou nenhum osso. A dor era multilocalizada; porém, a maior dor era na alma, por ter destruído um objeto tão precioso e caro, que não era seu.

Norberto, o dono dos cacós retorcidos e esparramados pelas escadarias da igreja, quase desmaiou ao ver os destroços do seu precioso bem.

– Isso não vai ficar assim! Você, Anita, terá de me dar uma bicicleta nova, novinha igual àquela que você acabou de destruir...

Antes que a menina aflita chegasse à mercearia, já estavam discutindo em tom não muito amistoso o Sr. Alberto e o pai de Norberto, cuspidos fogo!

– Quero o dinheiro da bicicleta até a próxima semana, sem falta, senão a coisa vai ficar muito feia...

O pai de Anita baixou a cabeça com uma vergonha tão constrangedora, que lhe atingiu as profundezas da alma, já tão machucada pelos constantes ataques preconceituosos e piadas fuleiras que só enfatizavam a sua condição.

A quem pedir um empréstimo para pagar o malfeito de Anita? Lembrou-se do Senhor David, alto funcionário público aposentado, que já o havia socorrido anteriormente. Homem generoso

e raro, muito amigo da família. Um exemplo de ser humano que doava afeto, amizade e até favores pecuniários.

Quando o irmão de Anita nasceu, em reconhecimento, foi batizado com o nome do benfeitor da família: David! A inexperienced ciclista contava dez anos de idade. Alegria tão grande, que rompeu uma solidão de cem anos!

Estranho, a menina não levou nenhuma surra! Nenhuma violência física, porém, as torturas morais e psicológicas sucederam-se em várias refeições intermináveis.

O pranto de Anita lavava seu miúdo rosto infantil. Suas lágrimas salgaram vários pratos de sopa. A frágil mãe não conseguia defendê-la, com medo de retaliações. O pai martirizava-a com discursos de ódio e punição educativa verborrágica, que marcaram sua infância e sua adolescência para sempre.

Ágil nos esportes, o ciclismo era uma exceção... Nunca pedalou bem, havia poderosas amarras internas a segurarem-lhe pés e pedais. O desequilíbrio... uma experiência tonteante.

BOBE E ANITA

Anita sapeca, levada da breca.

Não tem vintém, nem bicicleta...

Mas, tem o Bobe papudo, seu vira-lata.

Pelo ralo caramelo, alegre abana o rabo

Sempre que vê a linda menina do cabelo liso.

Corre sem aviso. Pula, derruba e lambe Anita.

Aflita, tenta acalmar o cão em vão, pois a paixão

Canina é maior do que a menina. Frouxos rolam no chão...

Só quem teve um amor de quatro patas sabe o que rola no coração.

Gosto de contar histórias. Lembrando Humberto Eco: “Para sobreviver é preciso contar histórias.”

Somos feitos do que trazemos, do que vivemos e tivemos de superar. A vida é uma alternância entre ficar de joelhos e ficar de pé. Melhor pular para a vida...

Tempo. Muito tempo depois...

Eu só existo na relação com o outro. Não me deixe só, quero ser alguém que faça a diferença em meio a tanta insensatez e desamor. Amar sempre valerá a pena.

PAZ... PAZ...PAZ!

Paz e guerra... Nesta terra belicosa, ora generosa.

Perigosa, estreita para alguns, larga para poucos, moucos insanos.

Quanto horror sob o céu! Pavor atômico nuclear.

Nada a clarear as mentes dominadas pelo dinheiro e poder.

Ouçõ gritos, gemidos de frio, medo e dor, sirenes perenes, na noite, sem alvorecer...

Hão de arder as consciências? Represálias e conseqüências só no bolso dos maus!

Imigrantes, refugiados, fugindo desesperados em meio ao caos.

Ouçõ gritos, gemidos de frio, medo e dor, sirenes perenes,
na noite, sem alvorecer...

“Toda guerra tem causa econômica”! Lembra?

Otan, ONU, Pacto de Varsóvia, Rússia, Ucrânia, apavoram
Antonia...

Ouçõ gritos, gemidos de frio, medo e dor, sirenes perenes,
na noite, sem alvorecer...

Calma... A noite passará e teremos mais uma chance!

Outro dia virá e nova aurora vai raiar, trazendo liberdade.

Saudade... Maldade finda e ainda verás:

Paz... Paz... Paz!

01/03/2022



AURA GOLD

POEMAS DO CORAÇÃO

TROCAS

A vida é feita de trocas
Eu te ensino silêncio e mansidão
Tu me ensinas coragem e determinação
Se aprendermos, concordaremos ou não.

O que importa é o quê trocamos
Trocamos porque nos amamos
Se assim não fosse nos perderíamos
A lição falharia e então partiríamos...

O tempo marca nossos destinos
Quanto teremos para trocarmos?
Risos soltos, fala aberta insistimos
No que nos interessa aprendermos...

Vamos partir para a parceria
Criada por nossas vontades?
Vamos sorrir, amar, dia a dia
Que a alegria é melhor que saudades...

Troca de palavras instrutivas
Troca de doces afagos na fala
Troca de olhares de cumplicidade
Troca de ensinamentos, de reciprocidade e amor...

AMOR

Olhar para o outro e nele ver o seu reflexo
Com todas as qualidades e também defeitos
Perdoar sempre comportamentos inadequados
E pontuar mostrando o inútil dessa atitude...

Andar juntos em tudo, todo o tempo
Dialogar até chegar a um ponto comum
Proporcionar momentos alegres e felizes
Unindo os desejos recíprocos sempre...

Amar é doar, perdoar, compreender
Compartilhar felicidade e decepção
É ver no outro o que você também é
É dar as mãos para trilharem juntos
A caminhada para a evolução

O amor não se descreve em palavras
O amor é sentimento abstrato mas concreto
O amor é a mola mestra da humanidade
O amor é Deus em ação em cada um...

NEGRITUDE

Azul, amarelo, vermelho, verde
Uma cor somada às outras
No painel da humanidade
Pintadas, uma após outra,

Misturadas artisticamente
Pelo pintor Magno do Universo.
Experimentem essa mistura
E verão que resultam no negro

Pois o preto são as cores sobrepostas
Preenchendo o espaço antes vazio
Preto é a soma de todas as cores
Um novo mundo colorido...

Sozinhos não somos nada
Unidos todos Somos Um
A Consciência é incolor
O amor é também incolor

Tudo é o mesmo que o nada
Mas coloridos pelo Divino
Reunidos nEle em sobreposição
Somos Ele, Deus em ação...

MEU VELHO PAI

Cheio de graça, o meu pai
Contava piadas pra gente rir
Lorotas, mentirinhas, histórias
Gabava-se de ser valentão...

Puxava a mão de dentro do paletó
Como se dali tirasse uma arma
E todos assustados, com medo ficavam
Então a mão vazia ele apresentava rindo...

Sua arma era sua língua afiada
Zombava dizendo: _ “Ô povo fulero
Estão acreditando em tudo que digo?
Sou malandro, mas não faço ofensa...

Gosto de brincar, fazer o povo rir
Um dia ainda vão me entender”
Eu entendi meu velho pai
E o amei desde sempre e para sempre...

Com sua simplicidade e alegria
Que desfrutei até o seu fim
E agora o tenho em minha lembrança
E no meu coração com carinho...

NINHO

Um passarinho voa livre
Suas asas são sensores
Cantam, caçam, se alegram
Mas também têm temores...

Constroem no alto seus ninhos
Ali depositam seus ovos
Dali saem em busca de alimento
Mas sempre atentos às suas crias...

A leoa, a tigresa, e tantas fêmeas
Se reproduzem em seus ninhos
Ocultando os filhotes dos predadores
Defendem suas crias com poder...

E as mulheres, como fazem?
Procriam, protegem, amamentam
Ficam reclusas por um tempo
Adaptando-se ao novo, ao desejado...

Mãe é sinônimo de proteção
Mãe é a primeira na vida que chega
Mãe é vida, é amor, é tudo
Mãe é o ninho que Deus escolheu
Para reproduzir Sua Criação...

ESSÊNCIA DA VIDA

Mãe, mar e amor, três vocábulos magníficos
Significando essência da Mãe-Terra
Mãe é todo o princípio da vida terrena
Iniciamos em seu ventre a caminhada...

No seu seio alimentamos nosso corpo
Que precisa de energia para sobreviver
Nos seus braços encontramos o carinho
Que nos conforta das intempéries mundanas...

No seu apoio encontramos farta energia
Para lutarmos e vivermos o dia a dia
Mãe, nosso presente de amor Divino
Sinônimo de proteção, renúncia e esperança...

Mar de águas refrescantes, espumas abundantes
Mar, beleza gigantesca e cores deslumbrantes
Mar quase um outro esperado mundo
Mar de todos, dos adultos e dos infantes...

Mar que eu gosto, amo e respeito
Mar de grandiosidade que leva à comoção
Mar de efeitos mil onde encontramos alimento
Mar que brilha à luz do sol e resplandece ao luar...

Amor substantivo abstrato definindo o concreto
Amor de mãe, filho, amigo, família humana
Amor fraterno, bondade, supremo
Amor juventude, infância, plenitude...

Amor universal, amor paz, amor cura, amor tudo = Deus...

MENDIGO DE ALMA

Num barraco infecto, crianças nuas
Vagando pelas ruas, miseráveis
À procura de algo em que não acreditam
Encontrar um dia a solução nas ruas...

Uns estendem as mãos sujas e roídas
Esperando qualquer coisa que lhes mate a fome
Outros saqueiam, roubam, tiram vidas
Nada sentem, são robôs, seu filho não tem nome...

Assim vai caminhando a humanidade
Rotos, cegos, sem nenhuma orientação
Às vezes nem aceitam a caridade
Dos que, chocados, lhes estendem a mão...

Vieram ao mundo para tentar vencer
Encontraram barreira que os desanimaram
Entregaram seus destinos à dor e ao sofrer
Quando deviam lutar por quem tanto os amou...

Náufragos de um destino trágico
Permanecem então estáticos
Não crescem, não aprendem, desistem
Sem entenderem a lição do porquê existem...

REVERSO

Vim ao mundo em condições precárias
Moro num quarto mirrado, sem conforto
Uso o sanitário coletivo da comunidade
Tomo um banho diário, frio, pareço morto...

Saio e vou carpir jardins floridos
Das mansões dos senhores abastados
Dão-me um pouco da comida deles
Ganho um dinheiro e vou embora, cansado...

Chego e a rotina se repete
Lembrando-me novamente da carência
Deito-me no duro colchão e olho o céu
Pela fresta no telhado entreaberto...

Adormeço e me vejo com admiração
Daqueles que outrora me desprezavam
Pois agora me tornei um ser letrado
Ultrapassei as barreiras da pobreza e do saber...

Sonhei e acordei disposto a ter
E ser o que pra mim devia ser
Uma pessoa que luta com garra
E consegue vencer as barreiras
Que a vida em minha frente colocara...

CRIANÇAS DO AMOR

Olhos abertos para o novo mundo
Onde agora iniciou nova jornada
Tudo aqui é diferente e estranho
Mas sabe que veio para essa caminhada...

Curiosa, observa todos os movimentos
Todos sorriem e pra ela fazem graça
E mesmo sem entender, ela corresponde
Sorrindo, abrindo os braços no abraço...

A pureza manifesta de seu olhar
É o código divino que dirige seu caminho
Vinda de longe, de outro patamar
Com a doce missão de proteger seu ninho...

Qual pássaro alado que aqui pousou
Vai refletindo imensa luz pelo carisma
Que a envolve e ela redistribui amando
Os que de seu viver compartilham e acolhem...

Essa e outras são as almas planetárias
Que estão chegando aos poucos ao planeta
Pousando suas asas nas famílias várias
Que as recebem com amor e agradecem.

TEMPORALIDADE

Tudo nessa vida é temporário
O Sol brilha durante o dia
Mas esmorece ao entardecer
A lua, estrelas brilham à noite
Mas se apagam ao amanhecer...

O amor é como uma planta
Se regado e cultivado, dura
Enquanto houver respeito, permanece
Só uma coisa não é temporária:
A vida da alma criada para o eterno...

**BISMAEL BATISTA DE MORAES**

EU, NA INAUGURAÇÃO DO MASP PELA RAINHA ELIZABETH II

Eu fui integrante da Guarda Civil de São Paulo, criada em 1926, para realizar o policiamento preventivo, que se encontrava acéfalo na Capital. A GC era, na época, escalada para se fazer presente em todos os cinemas e teatros da Capital, assim como em museus e escolas da Grande São Paulo, sendo também empregada no serviço de trânsito. E eu já havia sido promovido a guarda de 2ª e 1ª Classes, e de Classe Especial, tendo feito o curso de Classe Distinta, graduado que correspondia a 1º Sargento das forças militares, encarregado de outros policiais de menor graduação.

Depois de já haver prestado serviço de policiamento no Correio Geral, no Anhangabaú, e na agência do Correio do Conjunto Nacional, na avenida Paulista, 2073, e no Museu do Instituto Butantã, e também haver trabalhado no trânsito da Capital, agora eu me encontrava chefiando a segurança do Museu de Arte de São Paulo - Masp, tendo oito guardas-civis sob minhas ordens. Devo dizer que, nesse tempo, em 1968, como já havia feito o curso de inglês de 3 anos, no Instituto Roosevelt, de propriedade de Mr. Jo-

séph Troster, eu pertencia à Divisão de Intérpretes da Guarda Civil de São Paulo, e os 8 guardas-civis a mim subordinados, todos, falavam uma língua estrangeira: alemão, francês, japonês, árabe, russo, italiano e espanhol.

Aí, em 7 de novembro de 1968, foi estabelecida a inauguração do Masp, com a presença da Rainha Elizabeth II, que, juntamente com seu marido Príncipe Philip (com quem ela se casara em 20 de novembro de 1947) estava chegando na avenida Paulista. (E abro um parêntese para informar que o Diretor do Masp, professor Pietro Maria Bardi, já me informara que não pretendia chamar nenhum militar da Força Pública para auxiliar no policiamento da inauguração. E lá estavam eu (Classe Distinta Bismael), e seus 8 Guardas-Civis subordinados.

Numa das mãos da avenida Paulista (da avenida Brigadeiro em direção à avenida Consolação), com o trânsito todo paralisado, vinham a pé, acompanhando a Rainha Elizabeth II e o Príncipe Philip, o Governador do Estado, Dr. Roberto Costa de Abreu Sodré, juntamente com o Presidente da Assembléia Legislativa, Nelson Agostinho, bem como Brigadeiro Faria Lima, Prefeito da Capital, e Dr. Manoel de Figueiredo Ferraz, Presidente da Câmara Municipal, além do principal personagem daquela solenidade: o jornalista Assis Chateaubriand, que fora o criador do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, da rua Sete de Abril, nº 120, e que agora, com todo o acervo, passava a se chamar Museu de Arte de São Paulo-Masp.

Devo acrescentar que o jornalista Assis Chateaubriand, que agora estava numa cadeira de rodas, tinha boas relações com a Rainha Elizabeth II e com o Príncipe Philip, pois fora embaixador do Brasil na Inglaterra, durante o governo de Juscelino Kubitschek, que, tendo sido médico e oficial da Polícia Militar de Minas Gerais, certa feita, disse, durante seu governo: “Eu sou uma pessoa de esquerda”. Com isso, teve seu mandato de senador cassado

pelo golpe militar de 1964, e apontado como comunista, mesmo sendo apoiado pelos militares legalistas, como era, por exemplo, o general Henrique Batista Duffles Teixeira Lott. E, talvez por isso, a pedido do próprio Assis Chateaubriand, não foram convidados para a inauguração do Masp quaisquer militares pelo professor Pietro Maria Bardi, nem por sua esposa, Dra. Lina Bo Bardi.

LEGISLAÇÃO DOS HOMENS E DESRESPEITO ÀS MULHERES

No mundo existe algum rei, presidente, ministro, chefe religioso, magistrado, parlamentar, filósofo, cientista, doutor, artista, professor, letrado ou analfabeto, herói ou bandido, em qualquer atividade terrena, que não tenha nascido do ventre da mãe e que não necessitou do seio, dos braços, dos cuidados, das lições e do amor dessa mulher?

Em todas as partes da Terra, em decorrência do preconceito e dos costumes retrógrados, para muitos, ainda existe a idéia errônea de que só o homem é base da espécie humana, porque teria sido criado por Deus em primeiro lugar, ficando as mulheres em 2ª e até em 5ª classes. Desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, um documento feito por intelectuais da Revolução Francesa de 1789, existe essa idéia errada e aceita sem discussão (claro, escrita pelos homens), de que se deve ao homem todo o progresso da humanidade! E isso é uma falácia!

Observe-se que o corpo nada sabe; toda inteligência é do Espírito, como provam a neurociência e os estudos da física quântica. A propósito, por que, na mesma família, com pais sérios e amorosos, e de importância ilibada, há filhos que, mesmo educados com muito amor e boa formação escolar, pensam e agem de modo oposto: um deles, sensível e altruísta; outro, egoísta e matreiro; um terceiro, violento e viciado, etc. Isso só será respondido, de modo coerente, pela doutrina espiritualista, quando se analisam

as existências corpóreas que cada pessoa experimentou, na caminhada de aprendizado e progresso.

Os costumes se enraízam e, se não forem bons, deformam as pessoas, transformando-se num vício abominável chamado preconceito. E parece que tem sido isso que ocorre com a imensa maioria dos homens em relação às mulheres, ao longo dos séculos. Senão, vejamos: na expressão usada pelas igrejas “Paz na Terra dos Homens de boa vontade”, onde estão as mulheres?

A mulher sempre viveu oprimida, em grande parte por força das religiões dogmáticas dirigidas por homens. Observe-se, a propósito, dentre as Epístolas de Paulo, antes de converter-se ao Cristianismo na estrada de Damasco, a Epístola de Timóteo, no Capítulo 2, Versículos 12 e 13: “Não permito que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas esteja em silêncio. Por que primeiro foi formado Adão, depois Eva”.

Aliás, já observava a ex-Primeira Ministra do Paquistão, Benazir Bhutto: “Se as mulheres dos países muçulmanos estão em atraso, isso não é culpa dos princípios do Islã, mas, sim, das tradições culturais ou tribais machistas que lhes negam seus direitos”.

Veja-se, a propósito, a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão, como já citamos anteriormente, como marco da Revolução Francesa, escrita pelos filósofos e homens de letras, esqueceu a mulher. A prova do que afirmamos está em vários dos seus artigos: “Artigo I – Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos”...; “Artigo II – Todo homem tem capacidade para gozar de direito e das liberdades estabelecidas nesta Declaração...”; “Artigo VI – Todo homem tem direito de ser, em todos os lugares, reconhecido como pessoa humana...”; “Artigo VIII – Todo homem tem direito de receber, dos tribunais nacionais competentes, remédio efetivo para os atos que violem direitos fundamentais que lhes sejam reconhecidos pela constituição e pela

lei”. E da mesma forma, em 19 artigos, a mulher não é citada e não tem nenhuma garantia!

Por fim, devemos mostrar que, mesmo no Brasil, “Pátria do Evangelho”, como falam os homens, a caminhada tem sido difícil para as mulheres, porque as leis são feitas pelos homens, e também por eles julgadas e aplicadas. Por isso, desde 1916, o Código Civil Brasileiro, nascido do cérebro do grande jurista Clóvis Beviláqua e de outros grandes professores, também seguiu a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, pois trazia no “Artigo 4º - A personalidade do homem começa com o nascimento com vida”. Mas, 86 anos passados, com o silêncio dos homens, o novo Código Civil Brasileiro, de 2002, traz, no seu artigo 2º, que “a personalidade civil da pessoa começa do nascimento com vida”. Notaram a diferença entre “homem” e “pessoa”?

Também dizia o Código Civil de 1916, no artigo 178, § 4º, II, que “o pai (não a mãe) podia servir como tutor ou curador em caso do casamento do filho; pelo artigo 186, do mesmo Código, prevalecia a vontade do pai, e não da mãe, sobre o casamento do filho menor de 21 anos; pelo artigo 274, a administração dos bens do casal competia só ao homem, e não à mulher, e muitos outros obstáculos somente para o sexo feminino.

Agora, quando já chegamos ao ano 2022, ainda há lugares no mundo em que o homem pode proibir a mulher de aprender a ler, e os governos não lhes permitem votar. A propósito, no Brasil, até 1999, cerca de 30% das crianças não tinham o nome do pai em seus registros de nascimento. Era como se nascessem por autofecundação, sem a participação masculina. Mas, hoje, com a Lei nº 12004, de 19-7-2009, sancionada pelo Presidente Lula, o homem não pode se negar ao exame de DNA, para que seja reconhecida a sua paternidade! E, por fim, temos, também, a Lei Maria da Penha (nº 11.340, de 7-8-2006), para que os homens não mais agridam ou maltratem as mulheres, punindo-os! (Porque quem não aprende com o amor, aprende pela dor!).

Portanto, embora os costumes absurdos, arraigados e não discutidos, e a ignorância machista, em muitas nações, ainda procurem manter as mulheres como seres humanos inferiores aos homens, verifica-se que, seja no campo físico como no intelectual, o sexo feminino vem se ombreando ao sexo masculino, na maioria dos esportes individuais e coletivos, bem como se impondo na ciência, na tecnologia e nas artes, do que é exemplo o que ocorre hoje no Brasil, cuja população já possui 52% de eleitoras e 57% de universitárias nas faculdades!

A verdade é que nenhum homem existiria sem a mulher. Por isso, ele deve afogar seu preconceito dentro de si mesmo, pois não basta a força física; ele tem que aprender a respeitar todas as mulheres – mães, esposas, filhas, netas, irmãs, sobrinhas, namoradas, amigas – porque é um ser dependente perpétuo do carinho, do perdão e do amor desses seres divinos, que são as detentoras do sexo feminino!

MINHA AMÉRICA LATINA

Na vida, mais ajuda quem tem fé e sabe trabalhar com a razão...

Se o corpo e a mente estão de pé, já é chegado o tempo de ação!

Não chores, minha América Latina. Enxuga o teu pranto e vai à luta.

Não temas aos que te forjam a sina, sugando-te ou usando a força bruta.

Ao Norte, ao Centro e Sul do continente, mil olhos vêm sondar os teus tesouros.

Cuidado, que o monstro é envolvente e sabe aguardar tempos vindouros...

Latino silencioso e desdentado, de canga ou de cangalha – tanto faz!

Teu povo é um forte dominado, num controle remoto e tão voraz!

Na vida mais ajuda quem tem fé e sabe trabalhar com a razão...

Se o corpo e a mente estão de pé, já é chegado o tempo de ação!

A história não perdoa os indecisos, e a vida, deste lado, não quer falha.

Nos lábios do feitor, tudo é sorriso, se o escravo come pouco e só trabalha!

Jamais, por Deus, jamais te julgues fraca! Não busques com temor a tua cura.

Previne-te da febre que te ataca, e o mundo invejará tua cultura!

Não creias, se alguém te diz incapaz. Desperta, que esta terra te pertence.

Teus filhos merecem justiça e paz! Se baixas tua guarda, o algoz vence.

Na vida, mais ajuda quem tem fé e sabe trabalhar com a razão...

Se corpo e a mente estão de pé, já é chegado o tempo de ação!

Bismael B. Moraes é mestre em Direito Processual Penal pela USP, foi o 1º delegado titular da Delegacia do Aeroporto Internacional de São Paulo – Guarulhos e é autor de 21 livros, dentre os quais “Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária” (Editora Revista dos Tribunais, SP, 1986) e “Prevenção Criminal ou Conivência com o Crime – Uma Análise Brasileira”(Editora Revista dos Tribunais, SP, 2005) e “Orelhas e Prefácios – Uma Breve Trajetória” (Editora Mageart, SP, 2015).



DEVANILDO DAMIÃO

PITADAS DE GESTÃO E ECONOMIA

Anseia-se que as próximas linhas possam contribuir com informações propícias para a gestão, não se limitando unicamente a gestão profissional, mas, sim, utilizando o aspecto de transversalidade de demanda, dado que todos nós, somos provocados a tomar decisões diárias nos mais diversos domínios e subsídios são importantes.

As contribuições foram organizadas para que inicialmente, seja esclarecida a importância da liquidez em todos os aspectos, dado que qualquer decisão de financiamento implica em custos.

A seguir a discussão é centrada na inflação em relação a sua natureza e impactos. Prossegue-se trazendo luz ao aspecto relacionado a qualidade, como é estabelecida e configurada logicamente.

Por fim, são apresentados dados relacionados a complexidade atual da sociedade e aspectos que podem ser considerados,

Privilegiou-se nesta edição a transversalidade em detrimento do aprofundamento de temas específicos, com o objetivo de instigar os leitores a novas consultas.

A IMPORTÂNCIA DA LIQUIDEZ NOS NEGÓCIOS

As ciências sociais aplicadas como administração e economia são demandantes e desenvolvidas no contexto de alto impacto. Os resultados considerando a complexidade são observados em médio e longo prazo e os nexos causais não são estabelecidos de forma simples, com redução de variáveis, em tempos diferentes.

Um aprendizado que deve ser compartilhado e que quando lidamos com a gestão de qualquer tipo de negócios é a disponibilidade imediata de recursos financeiros.

Em outras palavras, dinheiro na mão, na economia é tratado como liquidez. Esse fator é essencial, é determinante para uma boa negociação, aquilo que se chama de poder de barganha. Ou seja, a capacidade de efetivamente saldar os compromissos, possibilitando conseguir taxas de descontos para as transações.

Caso não tiver a posse do dinheiro, a troca deverá ser financiada, envolvendo os empréstimos, os quais vão demandar pagar o valor do dinheiro, popularmente conhecidos por juros, os quais são na prática aquilo que pagamos por não ter a disponibilidade imediata do dinheiro.

Assim, a primeira lição é nunca pagar à vista os mesmos valores do que seria uma negociação a prazo, a ideia é que no valor a prazo já existe uma taxa de juros embutida no valor, mesmo que não apareça de maneira explícita.

A gestão dos negócios deve se esforçar para que as obrigações estejam alinhadas com os recebimentos, fato que evitará a necessidade de obtenção de recursos de terceiros, incluindo cartão de crédito e cheques especiais, os quais podem ser comparados como “amigo da onça” e o risco de ser devorado é grande.

Quando se fala em liquidez financeira, estamos abordando a condição de ser fluido constante e disponível rapidamente, os

agentes financeiros devem ser utilizados como cofres qualificados para os recursos da empresa e trabalhar para o empreendedor, nunca como sócio que carrega parte do exercício.

Os juros sempre seguem proporções de acúmulo, nos quais vão sendo incorporados ao montante principal nos períodos determinados, assim uma dívida de R\$10.000,00 com juros de 1% ao mês, durante 12 meses terá se transformado em R\$ 11.268,22 e será R\$ 14.307,50 em três anos.

Assim, o bom planejamento sempre é importante.

INFLAÇÃO, O INIMIGO PERSISTENTE

O que é a inflação? Inflação é o aumento dos preços de bens e serviços. Uma boa imagem, refere-se ao aspecto de aumentar a área ocupada, mais precisamente, a simbologia de uma bexiga enchendo. O efeito perverso é como os recursos financeiros e econômicos são limitados, ela implica na desvalorização, com a diminuição do poder de compra da moeda. A inflação é medida pelos índices de preços, que são fatores de correção.

Assim, esconder dinheiro debaixo do colchão, provocará perdas, pelo fato de que os produtos que poderiam ser adquiridos no dia X por um preço Y, somente poderão ser adquiridos posteriormente por um preço $Y + y$ (aumento de preço).

Vários fatores concorrem e impactam a inflação, sendo a mais comum a relacionada a demanda, na prática implica que mais pessoas querendo um mesmo produto, valoriza o mesmo, o governo dentre as políticas macroeconômicas faz a calibragem do dinheiro disponível por meio das taxas básicas de juro (SELIC).

Existem outros fatores que concorrem para o aumento da inflação, a questão cambial que envolve o valor de troca da moeda,

é impactante devido a necessidade de importação, real desvalorizado permite comprar menos produtos em outras moedas, produtos lastreados em dólares como os combustíveis, causam bastante oscilação.

E como a Inflação é mensurada?

Existem diferentes metodologias e organismos que buscam trazer uma amostragem significativa. Estes organismos trabalham com bases comparativas baseadas em cestas de componentes que tentem retratar um padrão médio de consumo. Mas, é importante ressaltar que é impossível retratar com exatidão num único indicador realidades diferentes de consumo.

Assim, funciona efetivamente como um indicador que fornece direção e não precisão individual.

Um motorista de Uber tem na sua cesta de consumo um peso altamente relevante para o combustível, caso a gasolina aumente em determinado mês, terá alto impacto no orçamento, independente dos demais preços, os quais poderão oscilar até mesmo de forma negativa, mas a média não irá refletir na essência a sua situação. Fica claro, portanto, que uma boa gestão financeira não pode “abrir mão” de planos individualizados, utilizando a referência média como um indicador referencial. O tamanho da bexiga individualizada é função das oscilações da cesta de componentes específicas.

QUALIDADE NÃO É OPÇÃO, É NECESSIDADE

A teoria da qualidade teve avanços significativos a partir do momento que incorporou o cliente como foco dos processos organizacionais, com as contribuições oriundas do oriente em meados do século passado.

A qualidade deve ser vista sobre duas vertentes totalmente interdependentes: a qualidade do produto (fim) e a qualidade do processo (meio). Esses dois aspectos do gerenciamento da qualidade são complementares, pois dada a qualidade encontrada em um produto (atendimento das expectativas), é muito importante considerar que o processo de produção daquele produto mitiga variabilidade e possibilita a produção de novos produtos semelhantes a esse.

A gestão deve implementar processos de produção com garantia de garantia e presume-se que o que será produzido tem grandes chances de também ter qualidade. Quando a qualidade no processo é atendida, ela garante e possibilita a qualidade final do produto.

O pressuposto que o alinhamento de expectativas é elemento essencial para qualquer tipo de relação, pois será o passo inicial que trará a voz do cliente para dentro da organização e derivará nos requisitos a serem cumpridos.

Neste aspecto, cabe ressaltar a definição mais universal e abrangente de qualidade: “qualidade é atender expectativas dos clientes”. Assim, o nosso contrato tácito neste espaço, envolve a intenção de trazer informações alta qualidade, com médio grau de formalidade e baixa complexidade.

Simplificando a abordagem, o primeiro aspecto deve ser direcionado a responder:

- a quem o meu serviço atende?
- o que essas pessoas esperam dele?

Respondendo estas questões, teremos respondido a qual serviço deve ser feito (job to be done) para atender as expectativas dos meus clientes. Com base nestas informações, o desafio será derivá-las em requisitos dentro da organização (quaisquer tipos).

Esses requisitos serão os pontos chave dos processos (como os produtos e serviços são desenvolvidos) e a garantia de qualidade deverão proporcionar que estejam controlados e constantes com a menor variabilidade possível.

O inimigo da qualidade é a variabilidade, pois, frustra as expectativas com frequência,

LIDANDO COM SITUAÇÕES COMPLEXAS E MUITAS VARIÁVEIS

O ser humano caracteriza-se por buscar estabilidade mesmo em atividades instáveis. Parece um contrassenso, todavia, especialistas explicam que mesmo em atividades perigosas a pessoa busca a estabilidade com a produção de hormônios típicas de situações de risco.

Em situações diversas buscam conforto no seu repertório de conhecimentos e não raras vezes dificulta o aprendizado do novo, do diferente. Assim, é comum utilizar muletas e distribuir os rótulos, limitados por natura, pois foram baseados em experiências de outros contextos e algumas vezes enquadrados de maneira não natural.

Talvez, a melhor maneira de enfrentar o momento é desenvolver uma postura de aprendizado, especialistas em aprendizado organizacional como Peter Senge 1 nos ensinaram que a liberação de pré-conceitos ajuda na absorção de ideias, limitando a ação dos filtros característicos das fases de comparação e seleção em estágios mais avançados, com o objetivo de consolidação do novo conhecimento.

A aceitação de diferentes realidades é fundamental, sem radicalismo e posições extremas. Aceitar as limitações, a recente

pandemia escancarou que todos precisam aprender e que a soma de conhecimentos sem intersecções não é suficiente para responder a complexidade.

A conexão de ideias irá permitir novas soluções numa sociedade que precisa ter perspectivas e alento para continuar convivendo em mínima ordem social.

Não podemos ser guiados por uma visão de verdade única e maniqueísta, a qual ignora e sataniza os direitos legítimos de pessoas com diferentes visões.

Paralelamente, atenção ao comportamento deve ser constante, analisando o contexto e nos liberando da síndrome de Gabriela “Eu nasci assim, cresci assim e serei assim” e privilegiar a adoção de posturas efetivas de aprendizado, buscando aprofundar as lógicas de argumentação e motivações e, sobretudo, diminuindo conflitos.

As redes sociais nos conectam com pessoas de diferentes visões e devem ser utilizadas como instrumentos de agregação e não combate. Estudos evidenciam que poucas pessoas se mostram dispostas a mudar as ideias e aprender, com redes sociais, a maioria utiliza como o palco para apresentar as suas virtudes, portanto, pouco efeito será obtido dos embates de ideias sem propósitos.

1 Peter Michael Senge (nascido em 1947) é um cientista americano, professor sênior da MIT Sloan School of Management, co-professor do New England Complex Systems Institute e fundador da Society for Organizational Learning. Ele é conhecido como o autor do livro The Fifth Discipline: The Art and Practice of the Learning Organization (1990, rev. 2006).

Discussões em praças públicas como redes sociais não possuem vencedores, longe disso, desnudam fragilidades de autoes-

tima e falta de empatia, ignorando pressupostos básicos da cognição, como a curva de aprendizagem em determinado assunto.

Instrumentos são meios que devem responder um objetivo, nunca guiarem as nossas ações, sempre se questione o motivo de fazer algo e por que está fazendo, o tempo destinado a combater quem pensa diferente é caro e pouco.

Devanildo Damião é professor universitário, mestre e doutor em Gestão Tecnológica



ELAINE PATRÍCIA MALTEZ SOUZA FRANCESCONI

Acadêmica Honorária

ESPELHO, ESPELHO MEU, EXISTE ALGUÉM MAIS
BELO DO QUE EU?



Foto da estátua de Davi de Michelângelo, disponível em: <http://santharela.com.br/Artistas>

No dicionário Aurélio, beleza significa:

- 1- Perfeição agradável à vista, e que cativa o espírito.
- 2- Mulher formosa.

Interessante falar da mulher, não é mesmo?

Não há designação de bonito para o sexo masculino. A palavra “bonito”, no dicionário, tem os seguintes significados:

- 1 – Brinquedo, boneco.
- 2 – Designação comum de uma espécie de atum.
- 3 – Expressão usada para indicar aprovação ou surpresa.
- 4 – Expressão usada para indicar desagrado, ironia ou reprovação.
- 5 – Que é agradável à vista ou ao ouvido.
- 6 – Que é digno de menção.
- 7 – Que é digno de reprovação.
- 8 – Com graça, habilidade ou talento.

Dessa forma, concluo que ao homem não se exige beleza, mas que seja agradável à vista, tenha graça, talento, virilidade, força e masculinidade.

Afinal, o que é ser belo, agradável à vista?

O “politicamente correto” diz que não existem pessoas feias, mas sim, preconceitos estéticos.

Ok. Deixaremos o politicamente correto de lado por um instante e vamos divagar.

Sejamos sinceros, você já se deparou com alguém que, literalmente, deu um soco em seu estômago com a sua aparência? Alguém que impediu que desviasse seu olhar por várias frações de segundos? Admita.

Eu admito.

Quando fiz a pós-graduação em Estética e Cosmética na Ibramed, tive aula de cosméticos com uma professora que realmente acertou em cheio meu estômago.

Veja bem, eu sou hetero, porém ela me fez duvidar da minha escolha.

Confesso, passei a aula toda fascinada por sua beleza. Nunca havia visto alguém tão bonito de perto. Até comentei com ela durante o almoço e, como toda pessoa exageradamente bonita, ela simplesmente sorriu. Nada comentou. Provavelmente, ouve elogios similares todos os dias.

O que é que as pessoas bonitas têm?

Não é só o desenho do nariz ou a cor dos olhos (basta olhar para o Smeagol do filme “O Senhor dos Anéis”. Ele tem nariz pequeno e olhos azuis, sem, no entanto, ter um único resquício de beleza).

De alguma forma, o cérebro faz a leitura daquelas belas faces e formas, identificando a presença (ou a ausência) de alguns aspectos essenciais.

Seria harmonia? Proporção? Delicadeza?

Seja como for, em poucos segundos você se sente atraído pelo belo. Ou constrangido pela fealdade.

Ser bonito faz a diferença, inspirando canções, versos, novelas, livros e filmes. Beleza é poder, embora esse tema seja povoado de polêmica.

O escritor Nelson Rodrigues, por exemplo, afirmava que a beleza era algo secundário, irrelevante até: “Ser bonita não interessa. Seja interessante!”, declarou.

Nancy Etcoff, psicóloga da Universidade de Harvard e autora do livro “A Lei do Mais Belo”, lançado no Brasil em 1999, falou: “Dá para dizer que há uma realidade central no belo. Afinal, em todas as culturas, elementos semelhantes têm constituído uma força estética poderosa”. Em seu livro, ela concluiu que, a simetria facial atrai o olhar do espectador e torna o objeto observado com contornos de beleza.

Eis a chave da questão. A distância entre os olhos e as sobrancelhas, de um lado, a harmonia do nariz com a boca, de outro, seriam os principais definidores daqueles rostos considerados magníficos.

E, curiosamente, não são apenas os seres humanos que têm uma atração nata pela simetria. O zoólogo inglês John Swalldel, da Universidade de Bristol, provou que as fêmeas de alguns pássaros preferem acasalar com os machos que possuem padrões acentuadamente simétricos.

Na natureza, a beleza carrega uma informação latente: tenho excelentes genes para transmitir.

Simetria, proporção, ordem, clareza.

Desde os antigos gregos, os cânones da beleza, têm uma íntima relação com a elegância dos números. Nosso próprio mecanismo de compreensão do universo dependeria da busca desses padrões.

Os gregos chegaram a essa “medida perfeita” cortando uma linha, de tal modo que, a proporção entre o pedaço menor e o pedaço maior fosse igual à linha existente entre o pedaço maior e o todo.

É provável que a proporção áurea tenha sido inspirada nas medidas do corpo humano, e de outras formas da natureza, senão vejamos: em uma linha traçada paralela ao corpo, a distância entre o umbigo e os pés, e entre o umbigo e a cabeça, segue esse padrão.

Nas obras dos artistas renascentistas Albert Dürer, Leonardo da Vinci e Michelangelo, dentre outros, a beleza é retratada obedecendo a essas proporções.

Além das questões simétricas, é possível alcançar maior equilíbrio estético quando a pessoa utiliza recursos que valorizam seus pontos fortes e sua personalidade. Assim faz o visagismo. Ele ajuda no equilíbrio das formas, alterando a linguagem visual da pessoa, tornando-a mais esteticamente harmônica.

Duas psicólogas da Universidade da Carolina do Norte, em Charlotte, nos Estados Unidos, Lisa Slattery Walker e Tonya Frevert, analisaram centenas de estudos sobre o assunto, resumiram que a beleza faria parte de um fenômeno coletivo de que “tudo o que é bonito é bom” e que traz benesses e maldições.

Vamos às benesses, primeiramente.

Em seus estudos, descobriram que alunos mais bonitos, em escolas e universidades, tendem a ser julgados por professores como os mais competentes e inteligentes, o que reflete em suas notas e que essa premissa tende a aumentar com o tempo: “Ocorre um efeito cumulativo: ao ser bem tratado, você se torna mais autoconfiante, tem pensamentos mais positivos e, conseqüentemente, mais oportunidades para demonstrar sua competência”, afirma Frevert.

Descobriram, também, que as pessoas mais atraentes tendem a ganhar melhor e a ascender mais rápido na carreira do que aqueles considerados, fisicamente, menos privilegiados. “As vantagens de uma pessoa bonita começam na escola e a acompanham durante toda a sua trajetória”, conclui Walker.

Até nos tribunais, a beleza parece exercer seu fascínio. Réus mais bonitos têm mais chances de obter penas mais leves ou, até, serem absolvidos. Da mesma forma, se o indivíduo que entrou com o processo for mais atraente, é para ele que a balança da Justiça tende a pender, fazendo com que obtenha êxito na ação e consiga indenizações maiores. “É um efeito penetrante”, define Walker.

E, aqui, eu entendo porque meu pai incentivava a minha mãe a realizar as audiências. Ela é muito bonita, mas duvido que meu pai tivesse consciência de suas bases para essa escolha.

Público e notório que a beleza é algo que se busca a qualquer custo (literalmente). Gastam-se milhões em procedimentos corretivos, o que, para essa dupla de psicólogas é algo totalmente desnecessário; afinal, ser belo não resolve os seus problemas, pelo contrário, pode gerar muitos deles.

Adiante, a maldição de ser belo:

Os resultados desse estudo apontaram que, se você for bonita e for entrevistada por uma pessoa que também se considera bela, mas em proporção de beleza inferior à sua, provavelmente, não preencherá a vaga pretendida. Puro ciúme.

Os médicos (pasmem!) não levam as pessoas bonitas a sério, o que é um grande problema para o diagnóstico precoce de uma infinidade de doenças.

Ser bonito pode ser sinônimo de solidão. As pessoas “normais” têm medo de se aproximar, inclusive, em sites de relacio-

namentos. Talvez por medo da rejeição ou de achar que “nunca conseguiriam ter algo com alguém tão bonito”.

Percebeu como ser bonito não é garantia de sucesso? É um atalho cognitivo, elaborado por centenas de anos de evolução para uma rápida análise e, como toda avaliação demasiadamente rápida, está sujeita a falhas.

Se sua beleza é como a linha do Equador: existe, mas ninguém percebe, não se preocupe!

A grande atriz Fernanda Montenegro resumiu a importância da beleza numa frase: “A beleza só importa nos primeiros 15 minutos. Depois, você tem que ter algo a mais para oferecer”.

E, da mesma forma, relatos sobre a icônica rainha do Egito, Cleópatra, a quem, muitos autores atribuíram ser inteligente, perspicaz, estrategista, sedutora, mas nunca de beleza estonteante. De fato, escolher a atriz Elizabeth Taylor para interpretar seu papel no cinema não representa os relatos históricos. O que a história conta é sobre a sua longevidade no poder devido a outros atributos que não a beleza.

Os relacionamentos humanos têm demonstrado que, invariavelmente, a beleza interior suplanta, grandemente, a primeira ilusão que permitiu a dócil aproximação.

Ufa!! Graças a Deus!!



FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS

LETRAMENTO LITERÁRIO NA OBRA *CONFUSÃO NO GALINHEIRO: O CASO DOS OVOS DE OURO*

In memoriam

Ao querido amigo e companheiro de jornada, Amir Piedade: siga na luz...

RESUMO

Este artigo trata de alguns conceitos básicos da obra de Bakhtin, Medvedev e Volochínov, sejam eles: discurso, enunciado, gênero do discurso, campo da atividade humana, gênero discursivo primário e gênero discursivo secundário. A conceituação proposta tem por objetivo respaldar a verificação do modo como gêneros do discurso de distintos campos da atividade humana se fazem presentes em obras da Literatura Infantil. São conceituados os termos alfabetização, letramento e letramento literário sob uma perspectiva discursiva e ideológica a fim de se exemplificar uma possível análise dos elementos verbais e não verbais da obra *Confusão no galinheiro: o caso dos ovos de ouro*, da autoria de Amir Piedade e com ilustrações de Elma, publicado pela Cortez Editora.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros do discurso; Letramento; Literatura infantil; Mikhail Bakhtin.

Os diálogos com outros gêneros do discurso em Confusão no galinheiro

Boa parte dos textos de literatura infantil viabiliza o diálogo com outros gêneros do discurso. É importante que o professor atente para o fato de que, como dissemos acima, na constituição do universo ficcional como metáfora social pela literatura, é frequente a presença de gêneros do discurso em meio ao texto literário.

Ao discutir a questão do plurilinguismo no romance, Bakhtin (1998) ressalta que há gêneros discursivos que permitem a introdução de diferentes gêneros em sua composição, tanto literários como extraliterários, por meio do fenômeno da intercalação ou da hibridização. Ressalta que é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido incluído em algum romance e reforça que há um grupo de gêneros cujo papel se torna tão importante que chega a determinar a estrutura do conjunto, instituindo formas variantes do gênero romanesco, tais como a carta, a confissão, o diário, entre outros. Por outro lado, o romance também utiliza desses gêneros como formas de assimilar a realidade (BAKHTIN, 1998, p. 125).

De igual forma ocorre com os contos infantis, os diferentes gêneros também fazem parte da estrutura composicional dessas obras, e, assim como no romance, têm a função de assimilação da realidade. Tais características podem promover o desenvolvimento das diferentes capacidades de leitura e ampliar as possibilidades de reflexão sobre os temas, de forma crítica, cabendo ao professor relacionar a ficção com a realidade para uma melhor compreensão.

Citamos como exemplo as conversações presentes nos textos literários, que não correspondem a conversas propriamente ditas, mas a conversas constituídas em meio ao mundo ficcional

literário. Do mesmo modo, encontramos receitas culinárias, cartas, discussões, bilhetes, recados, aulas, relatórios, cartas, diários, cartazes, anúncios, matérias jornalísticas, entre tantos outros.

Ao trabalhar como esse diálogo com gêneros do discurso no texto literário é fundamental que o professor oriente os alunos na percepção tanto das diferenças existentes entre o gênero do discurso propriamente dito e a sua recriação ficcional como das semelhanças entre ambos. Com o intuito de problematizar as questões anteriormente lançadas, concomitantemente à análise do livro por nós apresentado: *Confusão no galinheiro: o caso dos ovos de ouro*, da autoria de Amir Piedade (2011), ilustrado por Elma e publicado pela Cortez Editora, apresentaremos brevemente conceituações e definições dos gêneros do discurso com que tal obra dialoga, sejam eles: conversação, discussão, matéria jornalística, nota, relatório de inquérito, cartaz, despacho e sentença judicial.

No livro é narrada a história de uma Pata que, ao descobrir que a Galinha bota ovos de ouro, acusa o Escritor de participar de uma trama política para eleger a Galinha prefeita. A Pata corre para o jornal e faz a denúncia sobre o “galinheiro de lama” em que se transformou a granja e o caso vai parar na Justiça. Por fim, a Pata é condenada à prisão, mas antes de ser presa ela desaparece. Nesse meio tempo, o Escritor é recebido para jantar na casa do Granjeiro, onde lhe é servido o prato “pata no tucupi”. A obra literária, como metáfora social, para além de abordar assuntos comuns em nossa sociedade (entre eles: corrupção, propina, inveja, maldizer), dialoga com gêneros do discurso comumente presentes nas condições sociais em que tais temáticas se desenvolvem.

No livro, a representação de conversações (e da discussão entre a Pata e o Escritor) por meio das falas dos personagens faz-se presente de modo dominante em toda a primeira metade do livro

(PIEDADE, 2011, p. 4-17), dando lugar à fala do narrador e de outros personagens, tais como o Redator-Chefe do jornal, o Delegado e a Juíza por meio dos gêneros do discurso: matéria jornalística, relatório de inquérito, despacho e sentença judicial, nota e cartaz, respectivamente, na segunda metade da obra (PIEDADE, 2011, p. 18-31).

Nesse sentido, a forma composicional e o estilo, concernentes ao gênero conto de literatura infantil (referimo-nos ao todo da obra envolvendo texto e ilustração), dialogam com as formas composicionais e estilos dos gêneros ali presentes. Desse modo, a construção de um universo ficcional e o uso específico da linguagem, favorecendo a literariedade (JACKOBSON apud EICHENBAUM, 1971), bem como a constituição dos aspectos onírico e lúdico, permeiam a apresentação dos gêneros do discurso com que a obra dialoga, sem, no entanto, descaracterizá-los, como observaremos a seguir.

O primeiro gênero do discurso com que o livro dialoga é a conversação. Ao tratarmos desse gênero, convém que o distingamos do gênero discussão. A conversa, conversação, bate-papo, diálogo, papo, corresponde a “[...] troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas sobre assunto vago ou específico, podendo ser informal ou formal. É simétrica, pois se pressupõe o mesmo direito à palavra por parte de todos os participantes da conversação” (COSTA, 2012, p. 89). A discussão, por sua vez, corresponde a “[...] uma polêmica, em geral feita oralmente, em que cada participante faz a defesa (apaixonada ou não) de pontos de vista contrários, por desentendimento, briga, altercação ou exame minucioso de um assunto, problema, etc.” (COSTA, 2012, p. 104).

A conversação com que se inicia a história (entre a Pata e o Pato) apresenta duas falas da Pata na forma de discurso direto (a personagem profere sua fala) entremeadas pela fala do Pato em discurso indireto (o Pato fala por intermédio do narrador): “O Pato,

aturdido com a explosão de sua meiga e doce Pata, perguntou-lhe o que tinha acontecido” (PIEDADE, 2011, p. 6). Na continuidade da conversação são retomadas as falas de ambos os personagens por meio de discurso direto.

Em seguida inicia-se a discussão entre a Pata e o Escritor, por ela acusado de ter iniciado toda uma intriga com a divulgação errônea de que a Galinha bota ovos de ouro. Na discussão, a exaltação da Pata conduz a uma defesa de pontos de vista contrários. Há posteriormente, uma nova conversação, desta vez entre a Pata e o Redator-Chefe. Nesse momento podemos perceber de que modo o autor dialoga diferentemente com gêneros do discurso orais distintos, sejam eles a conversação e a discussão.

As ilustrações de Elma dialogam com o texto, tendo lugar o estilo da autora em meio ao conteúdo temático, a forma composicional e o estilo, concernentes ao gênero em questão. Nas páginas 4 e 5, a ilustração, ocupando quase a totalidade das duas páginas, figura o galinheiro com o Galo cantando no telhado enquanto o Sol brilha no céu. As cinco galinhas, olhando para o Galo, distribuem-se: na entrada do galinheiro, em seu interior, em um poleiro externo e no gramado. Esta primeira ilustração, acompanhada da dedicatória presente no livro, ao mesmo tempo em que apresenta um momento calmo, comum a qualquer galinheiro (um galo cantando ao sol e as galinhas atentas ao seu canto), também convida o leitor para a confusão que está prestes a se deflagrar, e que, no final das contas, se dará no galinheiro, como o título da história sugere. O Galo, portanto, nos desperta e nos convida, com o seu canto, para o enredo.

As duas ilustrações seguintes ocupam as páginas onde ocorre a primeira conversação anteriormente descrita, entre a Pata e o Pato. As páginas 6 e 7 trazem uma ilustração que as ocupa na totalidade com o Pato flutuando na lagoa em uma boia de patinho,

com olhar aflito e aturdido diante do nervosismo da Pata que esbraveja enquanto lhe mostra o jornal. A posição das sobranceiras dos personagens denota a aflição de um e o nervosismo da outra. A página 9 é ocupada integralmente por outra ilustração que sugere o fim da conversa, mostrando o Pato ainda aturdido diante da decisão da Pata e da dificuldade de ter seus argumentos ouvidos, e a Pata caminhando em direção oposta à lagoa, afastando-se, pois, do Pato. Em ambas as ilustrações que figuram a conversação, enquanto o Pato apresenta-se imóvel, estático, a Pata apresenta-se em impressão de movimento, seja ao elevar o jornal com a mão esquerda enquanto esbraveja na primeira ilustração, seja ao suspender o pé direito e caminhar decidida em direção ao Escritor.

A discussão entre a Pata e o Escritor, presente nas páginas que se seguem, dialoga com as duas ilustrações seguintes, que ocupam duas páginas cada uma. A primeira, nas páginas 10 e 11, apresenta a Pata subindo decididamente a pequena escada de entrada da casa do Escritor, enquanto da casa é mostrada apenas a entrada e uma das paredes na extremidade direita da ilustração. A segunda ilustração, nas páginas 12 e 13, traz, na metade direita da ilustração, a Pata esbravejando com o Escritor, o que se pode perceber pelo seu olhar, pela posição das sobranceiras, pelo braço esquerdo erguido com o jornal em mãos e com o braço direito fletido e a mão colocada junto à cintura.

Do Escritor aparecem apenas suas pernas compridas com calça listrada e sapatos sob uma mesa que não é mostrada em sua totalidade. O ângulo de visão é inferior, sugerindo a tamanha pretensão da Pata diante da distância que separa sua estatura do lugar ocupado pelo Escritor. Por fim a Pata caminha em direção à casa do Redator-Chefe, nervosa e decidida, o que se pode observar em

seu olho fechado, nos passos firmes (calcanhares postos ao chão, apesar de estar em movimento) e na maneira como segura o jornal sob a asa direita, na ilustração das páginas 14 e 15.

A última conversação, da Pata com o Redator-Chefe, é acompanhada da ilustração presente na página 17, em que essa parece estar se despedindo do Redator-Chefe (o que se pode inferir pela elevação da mão direita à altura da cabeça), portanto, parecendo posterior à conversação.

A forma composicional e o estilo do gênero conto de literatura infantil, com estruturação, ilustrações, construções frasais, aspectos lúdicos e oníricos presentes na linguagem, aliados ao contexto de produção, de circulação e de recepção, bem como à pressuposta interação do autor e da ilustradora com seu leitor, contribuem na composição e no delineamento do estilo individual do autor e da ilustradora. A forma composicional de ambos os gêneros do discurso orais primários, posto serem formados nas condições da comunicação discursiva imediata, são elaborados de modo a serem representados no gênero do discurso conto da literatura infantil. O livro configura-se, portanto, como um gênero secundário que representa em gênero complexo tais gêneros primários: conversação e discussão.

Na segunda parte do livro (divisão por nós proposta tomando-se as duas metades da quantidade total de páginas), a obra dialoga com gêneros escritos secundários, sejam eles: matéria jornalística, relatório de inquérito, despacho e sentença judicial e nota.

As páginas 18 e 19 dialogam diretamente com o gênero do discurso matéria ou notícia jornalística por meio de recursos verbais e não verbais (aspectos do portador textual jornal impresso são caracterizados imageticamente por meio das ilustrações de Elma

em meio ao texto de Amir Piedade que dialoga com o gênero em questão). Nesse ponto, destacamos semelhanças entre as páginas em questão e a primeira página de um jornal impresso, tais como: o cabeçalho de capa com indicação do título do jornal “O murmúrio”, do ano e do número da publicação “ANO XXII nº 11.680” e do tempo (substituindo data e previsão climática) “nublado e com trovões”; o cabeçalho interno presente na parte superior das páginas internas com o título do periódico “O murmúrio”, a seção: “Política” e a data (ausente no jornal apresentado no livro); o chapéu, palavra(s) presentes acima do título da matéria “Denúncia!”; a manchete, título em destaque na capa do jornal que indica a matéria mais importante da publicação; os títulos de cada texto que compõe a matéria, usados para chamar a atenção do leitor e convidá-lo à leitura; a legenda, texto disposto sob a foto descrevendo seu conteúdo ou destacando o assunto da notícia.

Em meio aos aspectos formais, editoriais e icônicos destacados, atentamos para a definição de Costa (2012, p. 167) para o gênero matéria jornalística: “[...] pode se referir a qualquer texto jornalístico, ou especificamente a uma notícia [...]”. Trata-se de um texto produzido para leitores múltiplos e desconhecidos, geralmente sem assinatura de autoria, e que almeja a neutralidade, apontando para referências aos fatos e ocorrências mais do que para a emissão de opiniões. Para Costa (2012, p. 180), as aparências são o universo da notícia. Não basta que seja verdadeira. Ela precisa parecer verdadeira. [...] Por isso a necessidade de uma seleção prévia de fatos mais importantes, que devem ser ordenados criteriosamente, sempre tendo em mente a tentativa de tornar a leitura e a compreensão da notícia o mais fácil possível.

Portanto, os depoimentos da denunciante (a Pata) com citações de sua fala na página 19, as referências a instituições “Socie-

dade Protetora das Galinhas”, além do depoimento do Escritor, do Granjeiro e da Juíza, respaldados por fotos da Galinha dos ovos de ouro e da Pata, contribuem com a construção do fato por meio da elaboração formal e estilística que dará à notícia a impressão de ser verdadeira no âmbito do universo ficcional. Ademais a divisão da matéria em seções com títulos que resumem sua abordagem favorece a rápida compreensão da notícia pelo leitor.

As ilustrações que se seguem da página 21 à página 24 não se relacionam diretamente aos gêneros com que o livro dialoga, mas apresentam os personagens diretamente atingidos pela confusão criada pela Pata (Galo, Galinha dos ovos de ouro, demais galinhas, Gansa, Marreco, Papagaio, Pato, Pavão).

Mais adiante, o autor apresenta um relatório de inquérito emitido pelo Delegado. Como gênero do discurso, o relatório de inquérito corresponde a um texto elaborado depois de findo o inquérito por autoridade policial “[...] que contém as investigações feitas para a averiguação dos indícios de autoria e da existência do fato criminoso, que servirão posteriormente de base ao oferecimento da ação penal” (COSTA, 2012, p. 203). Nesse ponto, destacamos a construção textual que toma por base a forma composicional, o estilo e o conteúdo temático do gênero do discurso relatório de inquérito, com uso de léxico pertencente ao campo semântico característico do mesmo (denúncias, procedentes, provas, quadrilha, envolvimento, suborno, crime, apurado, denúncia, suspeito, acobertar, averiguado), apresentando inclusive conclusão das investigações. Cabe nesse ponto destacar o modo como o autor realiza o diálogo da forma composicional, do estilo e do conteúdo temático do gênero conto da literatura infantil com os elementos acima destacados concernentes ao gênero relatório de inquérito. Igualmente pudemos observar com relação à presença dos gêneros despacho e

sentença judicial na obra literária, como será visto a seguir. O relatório é acompanhado da ilustração da Galinha, olhando tranquila e feliz para um ovo de ouro, que dialoga com um dos fatos conclusivos do inquérito: o de que a Galinha, comprovadamente, bota ovos de ouro (uma ilustração similar figura no jornal quando o escândalo é anunciado, ou seja, o mesmo enunciado não verbal parece relacionar-se com a dúvida e com a certeza acerca de um fato).

No livro, o despacho (e sentença) judicial é lido e publicado pela Juíza. Nesse trecho podemos destacar tanto a linguagem jurídica característica, como a presença de grifo em caixa alta das determinações judiciais (ABSOLVO, DETERMINO, SENTENCIAR, INSERIR, PUBLIQUE-SE E CUMPRE-SE). O despacho corresponde, na esfera pública, à documentação de “[...] decisões de autoridades públicas [...] deferindo ou indeferindo as solicitações feitas” (COSTA, 2012, p. 99). O despacho presente no livro caracteriza-se como sentença por apresentar-se como uma “[...] decisão, uma resolução ou uma solução dada por um júri, uma autoridade, etc. a toda e qualquer questão submetida à sua jurisdição” (COSTA, 2012, p. 211-212). Concomitantemente à apresentação do despacho e da sentença, aparece, na página 27, a Pata desesperada (com os olhos arregalados e a boca aberta) ao ler o jornal em que, assim supomos, foi publicada a conclusão do caso por meio da nota que se segue na página seguinte do livro.

Por fim, é apresentada tal nota, gênero que se caracteriza como uma notícia “[...] curta, breve e concisa, destinada à informação rápida [...]” (COSTA, 2012, p. 178). A nota presente no livro, dialogando com o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo do gênero em questão, é veiculada no mesmo jornal “O murmúrio”, “ANO XXII nº 11.770”, publicada, portanto (podemos inferir a partir do número de edição), 90 dias depois da primeira

publicação sobre o caso. Ao lado da nota, figura um cartaz com a inscrição “PROCURA-SE” e três fotos de rosto da Pata (em que esta se mostra claramente constrangida, como se pode inferir pelos traços rebaixados do corte de seu bico e pelos olhos abertos com pupila reduzida), sendo duas em perfil e uma de frente. O gênero cartaz ou aviso, caracteriza-se por apresentar “[...] dimensões variadas, muitas vezes ilustrado com desenhos ou fotografias, apropriado para ser afixado em lugares públicos” (COSTA, 2012, p. 66).

A última ilustração (páginas 30 e 31) mostra a casa do Granjeiro na ocasião em que o Escritor é convidado para jantar. A casa, apresentada por inteiro em meio à paisagem bucólica, é observada do galinheiro, com atenção e curiosidade, pelas cinco galinhas e pelo Galo.

Considerações Finais

A partir das relações dialógicas aqui destacadas, presentes na obra analisada, constatamos que as obras da literatura infantil trazem, como o romance, diferentes gêneros discursivos intercalados (como é o caso de *Confusão no galinheiro*) favorecem práticas mais amplas e complexas de ampliação do letramento das crianças.

Em princípio, tal obra, como tantas outras, assim sabemos, possibilitam ao aluno o desenvolvimento de suas capacidades de leitura, de interação e diálogo inerentes ao letramento literário. A exploração do fenômeno de intercalação dos gêneros do discurso presentes na obra, como concernentes não à realidade imediata das crianças, ou ao seu uso social efetivo, mas ao plano do conteúdo ficcional, constituindo acontecimentos artístico-literários e não de sua vida cotidiana, pode tanto favorecer o desenvolvimento tanto das capacidades leitoras dos alunos quanto promover a criticidade, por meio da exploração das relações que se estabelecem entre

os gêneros presentes na obra e a realidade. Além disso, também podem ser exploradas atividades com as características presentes nesses gêneros, explorando-se sua forma composicional, conteúdo temático e estilo, relacionando-os aos contextos de produção e de circulação, de forma que a literatura infantil possa ser trabalhada de modo ainda mais específico, um ensino-aprendizagem de leitura que permita o desenvolvimento da percepção das relações entre o lúdico e a realidade, mas que também promova o desenvolvimento da percepção das relações discursivas. Para além da mera exploração temática, comum nas práticas de leitura escolares, sugerimos um ensino situado, que relacione a realidade e a ficção de modo a favorecer e ampliar as capacidades letradas das crianças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAJTÍN, M. M.; MEDVEDEV, P. N. *Los elementos de la construcción artística / El problema del género. In: El método formal en los estudios literarios: introducción crítica a una poética sociológica. Trad. Tatiana Bubnova. Madrid: Alianza Editorial, 1994. p. 207-224.*
- BAKHTIN, M. M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Trad. Bernardini et al. 4 ed. São Paulo: Unesp, 1998.*
- BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.*
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.*
- BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11 ed. São Paulo, Hucitec, 2004.*
- BRAIT, B. *Interação, gênero e estilo. In: PRETI, D. (org.). Interação na fala e na escrita. 2 ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 125-157. v. 5. (Série Projetos Paralelos).*
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2012.*

- COSTA, S. R. Dicionário de gêneros textuais. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- EICHENBAUM, B. The theory of the Formal Method. In: MATEJKA, L.; POMORSKA K. (orgs.). Readings in Russian Poetics: formalistic and structuralistic views. Cambridge, Mass: MIT Press, 1971. p. 3-37.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 23 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez Editora, 1989. v. 4. (Polêmicas do nosso tempo).
- GOULART C. M. A. Letramento e polifonia: um estudo de aspectos discursivos do processo de alfabetização. Revista Brasileira de Educação, n. 18, p. 5-21, set/out/nov/dez 2001.
- LEAHY-DIOS, C. Educação literária como metáfora social: desvios e rumos. Niterói: EdUFF, 2000.
- LUKE, A. Critical literacy in Australia. Journal of adolescent and adult literacy. v. 43, p. 1-19, 2000.
- PAULINO, G. Letramento literário: por velas e alamedas. Revista da FAGED, Salvador, n. 05, p. 117-125, 2001.
- PAULINO, G. Algumas especificidades da leitura literária. In: PAIVA, A.; MARTINS, A. A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (org.). Leituras literárias: discursos transitivos. Belo Horizonte: CEALE; Autêntica, 2005. p. 55-68.
- PERROTTI, E. Confinamento cultural, infância e leitura. São Paulo: Summus Editorial, 1990. v. 8. (Novas buscas em educação).
- PIEIDADE, A. Confusão no galinheiro: o caso dos ovos de ouro. II. Elma. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- ROJO, R. Letramento e diversidade textual. In: CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. H. Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006. p. 24-29. (Salto para o futuro).
- SMOLKA, A. L. B. A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo. 11 ed. São Paulo: Cortez Editora; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2003. (Passando a limpo).
- SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- VOLOSHINOV, V. N.; (BAJTÍN, M. M.). La palabra en la vida y palabra en La poesía. Hacia una poética sociológica. In: BAJTIN, M. M. Hacia una filosofía del acto ético. De los borradores y otros escritos. Trad. Tatiana Bubnova. Barcelona: Anthropos; San Juan: Universidad de Puerto Rico, 1997. p.106-137.



FERNANDO CANTO BERZAGHI

**LOUVEM! LOUVEM! LOUVEM!
AO SENHOR TEU DEUS!**

Peregrinos!

Sol!

Céu!

Mar e

Ar...

“Louvem o Senhor, teu Deus...”

Estrelas do firmamento.

Astros das esferas celestiais.

Campos em flor.

Colinas e planaltos.

“Louvem o Senhor, teu Deus...”

Cordilheiras e saltos.

Fenômenos naturais.

Seres das regiões abissais.

Passarinhos, répteis e animais...

“Todos os seres a uma, louvem o teu Deus”



GENTISTA

Liberdade!
Liquidez!
Beleza!
Jesus, nosso refúgio e fortaleza...
Leveza!
Refúgio!



Inteireza!
Ser obreiro na Seara do Senhor..
O que paira sobre toda natureza.
Cristãos: obreiros verdadeiros na Seara do Senhor.
Jesus: o verdadeiro mistério encarnado.

Deixemo-nos iluminar pelo grande Sol da Justiça: o grande Sol central dos milhares de sóis, Jesus...

O DOCE REGRESSO



Núveas painas vagam preguiçosas na direção do mar.
Vozes difusas se alteiam para o céu sereno.
As aves comemoram felizes o doce regresso ao ninho.
Réstias de sol toldam de rubi dourado o ameno lugar.
O orvalho da saudade abençoa o santuário da natureza.
Lírica vivência do existencial.
A rara flor d'esperança é um antigo cantar.
Sínteses finalizadoras de mais uma jornada.

PÁSCOA!

A Páscoa é vida!
A Páscoa é Ressurreição.
Páscoa é Libertação.
Luz intensa que emana da Cruz.
Livro Sagrado que deveras reluz.
Amor que brota do coração.
Frêmito de vida que fulge no trigal do Senhor.
Penhor da verdadeira união.
Momento iluminado de perdão!



POR QUE TODO DIA É DIA DE ÍNDIO?!



Para falarmos do relevante papel do aborígene ou nativo, devemos, desde logo, meditar acerca da Criação.

Deus fez do nada este mundo incrível, em que vivemos
E, a criação vem muito bem descrita no Livro Sagrado:
“no princípio, criou Deus os céus e a terra, (Gn1,1)”.

Muito antes de Deus ser o Deus de Israel, Ele foi o Deus dos seres humanos” da Criação.

Na verdade, somos mordomos da Criação.

Somos servidores da Graça, (Sl 115.16).

“16 Os céus pertencem somente ao Senhor, mas a terra Ele deu aos seres humanos.”

Assim, a vontade soberana de Deus é redimir toda Criação.
Tudo que fazemos à terra tem um impacto ecológico.

Será que de fato estamos zelando pelo Jardim de Deus?

Será que com a poluição que geramos não estamos produzindo o lixo tóxico, que nos mata a todos?

Para protegermos nosso planeta devemos ir para o caminho da sustentabilidade e da proteção de nossos ecossistemas locais e regionais.

Nesse sentido a proteção do índio aos recursos naturais, o clima, o verde são indispensáveis para que haja vida futura.

A harmonia com a natureza é absolutamente necessária.

Na perseguição desses objetivos o índio tem um papel fundamental

A responsabilidade sobre a sustentabilidade planetária é de todos, (SI 90.17).

Por que todo dia é dia de índio?

A resposta é óbvia.

O índio é o guardião de nossos biomas; ecossistemas: florestas, oceanos, mares, rios, ribeiros, quedas d'água, nascentes, cachoeiras, igarapés, manguezais, etc.

O índio de certa forma é o guardião da vida, que exala do verde e dos nichos de vida das matas e florestas, campos em flor, colinas, vales e planaltos, etc.

Habitante das Américas bem antes dos “descobrimentos” e da colonização europeia.

Impropriamente chamados de índios, porque não são oriundos da Índia. São, na verdade, ameríndios.

À época do Descobrimento do Brasil, os verdadeiros donos da “Terra Brasilis” eram da ordem de 7 milhões de almas.

Hoje, com a ação predatória do bicho homem branco, ou seja, 522 anos depois da presença europeia não chega aos 800.000 sobreviventes no Brasil.

A Constituição Federal trata do índio nos seus artigos 231 e 232.

Diz textualmente o parágrafo 2º do artigo 231:

“As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes usufruto exclusivo das riquezas do solo dos rios e lagos nelas existentes.”

O parágrafo 4º diz: “

“As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis”.

Já o artigo 232 preceitua:

“Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo”.

A defesa do grande Bioma Amazônia é dever de todo cidadão brasileiro ou não.

Não podemos esquecer de que o massacre indígena é o massacre de toda humanidade.

“MATER AMABILIS”



Anjo tutelar de amor.

Doce Cântico de ternura.

Luz abençoada do Bom Pastor.

Boa nova do Criador.

Sol que ilumina o coração.

Voz que serve generosamente como um rio.

Carinho e afeto na dor.

Santidade de céu e flor.

QUEM É O TEU PRÓXIMO?



O mais próximo é aquele que está mais próximo de você, sempre ou de forma circunstancial.

De fato, o “cuidar” caracteriza o verdadeiro pastor, eu diria o cristão verdadeiro.

Um pastor verdadeiro é aquele acima de tudo ama o povo de Deus. E, por consequência, ama o seu mais próximo.

Ainda que o líder espiritual seja um excelente empresário ou um grande orador, um bom ator ou um teólogo de plantão, se ele não ama com amor fraterno ou ainda ágape, as pessoas sofrem...

O autêntico homem de Deus deve praticar a pedagogia do Mestre, ou seja, uma didática capaz de ensinar as verdades bíblicas e não simplesmente emitir uma opinião unilateral ou juízo de valor.

O verdadeiro pastor tem compaixão pelos pecadores e amor pelos perdidos. Ele tem o coração de um servo e a força de um verdadeiro líder.

Exemplos de amor ao próximo vêm muito bem descritos em: (Lc 10.25.37; Jo 15.12).

“12 O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei.”

Na mesma linha: (Jo 13.34; 15.17; 1Jo 3.23; 2Jo 5).

A missão de Filho (Jo 3.16).

“16 Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas que tenha vida eterna”.

O bom samaritano (Lc 10.25-37) é um bom exemplo de amor ao próximo, sem preconceito ou discriminação.

Fala de uma série de homens que se depararam no caminho com um homem ferido, que jazia à beira do caminho.

Várias pessoas se depararam com ele: um sacerdote, um levista, mas nenhum deles o socorreu.

Era notória nesse cenário a rivalidade entre judeus e samaritanos.

Judeus e samaritanos eram inimigos mortais, mas foi exatamente um samaritano que curou as feridas e socorreu o homem enfermo.

“O TEU PRÓXIMO É AQUELE QUE ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE VOCÊ...”



O canto do rouxinol
 O canto da vitória
 O canto da alegria
 Revérberos pingos de sol...
 Cântico de Sião
 Canto do triunfo
 Louvor pleno de felicidade
 Alegre trinar no arrebol...
 Doce canção do regresso
 Alegre abrigo do verde salgueiro
 Doce poema na tarde muda
 reencontro pleno do amor primeiro

A LUA DO MEU CÉU



Romântica aparição
Gôndola de prata e luz
Claridade com chispas de cristal
Nave singular entre nuvens de cal...
Pérola de grande valor
Barco cheio de amor
Poema de céu e flor
Obra-prima do Criador
Lunar cheio de verdade
Lua nova, repleta de eternidade
Testemunha silente do tempo
Camélia nua que no céu flutua...

O VERDADEIRO DESPERTAR



O despertar para o budismo seria atingir o “Zen” e o “Nirvana”;

“Zen”: prática da natureza de “Buda”, sendo uma atitude de vida que perpassa todas as nossas ações;

“Buda”: o desperto, ou seja, tudo é episódico, circunstancial, passageiro...

Tudo que fazemos, falamos e pensamos afeta o drama existencial global;

Seria a grande mudança

Significa o estado de “buda” que vê a realidade como ela é e atua de forma assertiva para que fique bem para todos...

“Nirvana”: Para o budismo, estado de serenidade e felicidade plena, alcançado pela supressão do desejo e da consciência individual, estado de quietude plena e ausência de sofrimento

Já a doutrina espírita desde seus primórdios até nossos conturbados dias promove no homem uma revolução interior, revelando-nos como seres de infinitos potenciais e preparando-nos para a chegada dos novos tempos nos quais o homem conscientiza-se, modifica-se interiormente e ruma à própria iluminação...

Já para os cristãos o “Despertar” vem muito bem escrito em (Ef 5.14) que diz literalmente:

“Desperta, ó tu que dormes,

Levanta-te de entre os mortos,
e Cristo te iluminará.”

Do texto acima podemos destacar, para uma melhor compreensão do assunto, as palavras: “Tu que dormes e mortos”.

São duas figuras usadas por Paulo para retratar o pecador.

Cristo resplandecerá sobre ti. Com Sua luz vivificante

Ou porque é a luz que revela tudo o que claramente se diz

Quando o sono é profundo, ou seja, atinge seu estágio do tipo” D”, a pessoa fica imersa profundamente no seu inconsciente se desaparecendo das coisas que acontecem e estão ao seu redor.

Assim compreendido, o sono muito se assemelha à morte,

Um sono profundo ao longo do dia pode significar uma depressão

Portanto, o sono pode significar passar despercebido ou alheio aos acontecimentos. Pode acarretar perdas irreparáveis para os que dormem sobre as coisas de Deus, não permitindo a iluminação do Espírito Santo...



ISABEL BORAZANIAN

POEMAS

ANTAGONISMO

As penas ao vento.
São macias as penas
e levam elevadas
a maciez do voo,
o voo suave,
suave dançante
no vai e vem
e no vem e vai
na leveza do compasso.
As outras apenas
são duras as penas.
As penas são duras
que a duras penas
travamos com ela
momentos da vida.
São penas doídas,
não dançam, atacam
no vai e vem
e no vem e vai
na dureza do compasso.

AMOR

As alegrias vividas
Navegam em recordações
Gosto de amor e guarida
Embalam o meu coração
Lances diversos em versos
Ondulam muitas canções
Mais que o verso, um Universo
Amor além da razão
Cada dia um dia novo
Em alicerces da construção
Da base o carinho constante
Onde as tristezas perderam para a gratidão

ENVELHECER

O tempo vai passando,
vamos passando
e vivendo o tempo.
O tempo da infância,
o tempo da adolescência,
o tempo de adulto,
e a melhor idade chega
junto com tempo que nos prateia.
Não nos perdemos no tempo,
acumulamos saberes.
Foram tantos os viveres
que moram em nossas memórias,
e habitam nossos corações,
recheados de sentimentos e histórias.

Muitas foram as trajetórias.
Passamos e desbravamos muitas estradas,
vivemos alegrias... tristezas...
Tivemos muitas perdas,
tivemos muitas vitórias.
Nos tornamos fortes e resistentes,
somos vivências, somos experiências

Do tempo que o tempo apressado
nos ensinou,
acumulamos conhecimento
imbuídos de experiência.
Somos sobreviventes
do tempo que nos embalou
e da vida que nos revelou...

PANDEMIA I

Emaranhadas estão as minhas emoções.
Tudo novo no novo normal anormal.
Novas regras, novas posturas, novas medidas.
Novas medidas que medem o que desconhecemos.
No impalpável o palpável é complexo
e complexo se torna nosso caminhar.
Pausa forçada, a vida mudou...
Despedidas na ausência...
O medo vigora.
Perdidos, perplexos.
A alma chora.
Apesar das dores vamos sonhando cores
com o novo normal anormal que se instalou.
Sorrisos escondidos,
olhares perdidos,
abraços contidos.
A vida mudou...
A vida mudou...

A VIDA DA GENTE

Nas peripécias da vida
as energias diversas,
se fizeram reversas
e prenderam a poesia.

Na lida constante da vida,
a poesia se fez valente.
Se tornou guarida
na lida que é a vida da gente.

VERSOS

Versos

Navegam

Expõem

Verdades

Impressas

Expressam

Inspiram

Despertam

Saudades

LEITURAS

Leituras embalam instantes
acalentam sonhos
Revelam verdades
despertam emoções

O QUINTAL DA MINHA INFÂNCIA

O quintal da minha infância
era um quintal sem fim.
Tinha terra, plantas, tatuzinho.
Tinha galo, cachorro e passarinhos.
Tinha flores, frutas, árvores e varal.

O quintal da minha infância
era um lugar maravilhoso.
Mágico e genial.
Qualquer canto virava casa.
Qualquer canto virava palco.
Qualquer canto virava carro,
carroça, cavalo e avião.

O quintal da minha infância
era um quintal encantado,
todos brincavam por lá.
Os brinquedos e as brincadeiras,
Nasciam com a imaginação.
Não era um quintal grande.
Grande era o amor que brotava
no coração.

REFLEXÃO

A falta de empatia assusta.
A soberba de uma falsa realeza,
foi declarada, ficou escancarada
E tudo se perdeu...
Que pena...
Você não percebeu,
foi desleal, fez feridas
em pessoas leais e amigas,
e tudo se perdeu...
Que pena...

PANDEMIA II

Momento que o medo vigora
num tempo que chegou
sem marcar dia e hora.
Chegou mudando tudo
criando um novo compasso.
Cada passo refletido,
reclusão no próprio abrigo.
Novas regras, medidas, ações.
Coração batendo forte
na batida pela vida.
Tomando muitas medidas
de segurança e proteção.
O tempo foi passando...
Ele veio em larga escala,
embalado por momentos
muito além dos sentimentos,
presos na minha emoção.
O tempo foi passando.
Eu fui abraçando o tempo,
o tempo foi me abraçando.
Eu fui vivendo o tempo
no tempo feito de momentos
que a vida me presenteou.



IVO DE SOUZA

O PÉ DO BICHO VERDE

No fim da tarde, começo da noite, Maria Perciliana reunia as crianças de um pequeno vilarejo, no terreiro da escola ou no pátio da igreja, para lhes contar histórias que ouvira de seus pais, de seus avós ou que lera em algum livro.

Crianças e adultos adoravam ouvi-la. Principalmente quando essas histórias eram contadas ao redor de uma fogueira, assando batatas doces, milho verde, bananas e até peixes. Perciliana incentivava as crianças a contarem suas próprias histórias.

– Comecem contando as histórias engraçadas do seu dia a dia – dizia ela.

E ressaltava: “É assim que nascem as histórias”.

O vilarejo começava na praia, se estendia pela costeira e subia até alcançar o ponto mais alto das montanhas, as grimpas, cortado por cachoeiras com grandes volumes de água, cascatas naturais e dois poços largos e profundos, onde era possível nadar

e mergulhar tranquilamente. O vilarejo era um verdadeiro paraíso.

A história a seguir é uma experiência vivida pelos irmãos Papepi, daquele vilarejo, numa época em que não havia brinquedos eletrônicos, relógios coloridos com desenhos de super-heróis.

Os Papepi construíam seus próprios brinquedos. De madeira, de lata, etc... Jogar pedrinha na superfície do mar e contar quantos pulos ela dava, ou jogar pedras, de tamanhos equivalentes, no poço da cachoeira para fazer ondas que avançassem até as margens virava uma competição. No mar, vencia aquele que conseguisse fazer a pedra pular o maior número de vezes. Já na cachoeira vencia aquele cuja onda chegasse primeiro à margem do poço. A contagem deste tempo era feita de acordo com as batidas do coração no menino mais novo dos três. As meninas também participavam da competição, mas quase sempre perdiam.

No entorno da casa onde eles moravam, havia um pomar com muitas árvores frutíferas, como jaqueiras (jaca-mole, jaca-manteiga e jaca-dura), mangueiras (manga espada, manga rosa, manga coração de boi), laranjeiras (mexerica, laranja lima, laranja pera), abacateiros (manteiga e roxo), limoeiros (cravo, galego, siciliano e Taiti). Ao lado do pé da jaca-manteiga, aquela de consistência intermediária, pouco visguenta e muito adocicada, havia um majestoso Guapuruvu e duas magníficas Embaúbas, formando um quadrado mágico. O fruto da Embaúba lembra uma banana e é um dos alimentos preferidos do bicho-preguiça; por isto, alguns nativos a chamam de árvore da preguiça. Suas folhas são parecidas com mãos espalmadas com até dez dedos e são sustentadas por um caule de aproximadamente cinquenta e cinco centímetros. A folha do Guapuruvu é composta de uma haste que pode alcançar até um metro e vinte centímetros de comprimento, e desta haste surgem entre trinta e cinquenta pinos, de ambos os lados, de

onde nascem as folhas de até cinco centímetros. A florada começa em outubro e se estende até dezembro, quando gera um fruto em forma de uma moeda. É uma madeira muito utilizada para fazer canoa. As folhas da jaqueira têm formato oval, podem alcançar até vinte e cinco centímetros de comprimento por dez ou doze centímetros de largura.

Todas as vezes que o trio de meninos passava por aquele quadrado mágico, eles se lembravam da advertência da mãe: — “Cuidado com “o pé do bicho verde”. Por isto eles evitavam colher jaca-manteiga daquele pé, mesmo sabendo que era a jaca mais doce do pomar, para não despertar a ira do bicho verde.

O limite entre o medo e a curiosidade, para uma criança, é muito tênue, e isto as leva a desafiar o medo, mesmo quando as coisas se agigantam diante delas, como por exemplo, os obstáculos parecerem maiores, as distâncias se tornarem mais longas, e os barulhos parecerem mais ensurdecedores e fantasmagóricos.

Certo dia, sem vento, num silêncio quase absoluto, quando os três irmãos resolveram tirar uma jaca daquele pé e, ao se aproximarem da jaqueira, ouviram um poc, poc, poc, em seguida um barulho fantasmagórico, logo imaginaram um enorme bicho verde, zangado, vindo pra cima deles. Saíram correndo. Nem olharam para trás para saber qual era o tamanho do bicho, ou se era verde mesmo. Largaram lá mesmo as coisas que tinham em mãos, seus estilingues, bодоques, embornal com pelotas, gaiolas, e um pedaço de Guaratimbó, madeira para fazer pião.

Pararam de correr quando alcançaram uma pedra no quintal à frente da casa onde moravam. A pedra tinha a superfície plana e eles a chamavam de pedra chata. Uma vez ali, com o coração disparado pelo susto e pelo cansaço da corrida, ficavam conjecturando como seria o pé do bicho verde.

- Será que o bicho verde tem os pés chatos iguais ao de um cavalo?
- Será como os pés de uma galinha gigante?
- Será que tem os olhos grandes e vermelhos?
- Será que ele lança fogo pela boca, como os dragões?

Estas e outras perguntas eram feitas entre eles, enquanto chupavam as mangas que haviam derrubado com suas estilingas certas, recolhidas e depositadas em cestos feitos de taquara.

No dia seguinte, o tio deles, tio João, como o chamavam, foi almoçar na casa deles, exibindo em seu rosto marcas vermelhas. O pai dos meninos quis saber o que tinha acontecido e ele respondeu:

– Foram aqueles malditos bichos verdes. Amanhã vou acender meu pau alegre e queimá-los.

– Não faça isso – retrucou o pai dos meninos. O tempo está muito seco, tem muito graveto que pega fogo facilmente. Além disso, o fogo pode se alastrar rapidamente pela mata e se tornar difícil apagar. Queima até as árvores frutíferas.

Os irmãos trocaram olhares entre si e, nesta troca de olhar, combinaram ir para a pedra chata depois do almoço.

– Já falei com as crianças para tomarem cuidado com o bicho verde – disse a mãe deles. – É muito perigoso.

Assim que terminaram de almoçar, escovaram os dentes mais rápido do que de costume, e foram para a pedra chata, onde começaram a conversar.

– Vocês ouviram aquilo? – comentou o mais novo. – O bicho verde atacou o tio João.

Ele tinha o apelido de Pequerrucho, mas eles pronunciavam “Piquirrucho”, de onde surgiu o PI.

– Pois é, ele falou no plural. Isto significa que é mais de um bicho verde – argumentou o mais velho, cujo apelido era “Parrudinho”, de onde vem o PA.

– Será que é um casal de bichos verdes? – perguntou o irmão do meio, conhecido como “Perna Grossa”, o PE.

– Será uma família com um monte de filhos igual a “Pega não Nega”? – perguntou Pequerrucho, referindo-se à cadela que eles tinham.

Pega não Nega formava casal com Minilique, um vira-latas, branco com uma mancha preta, que cobria as orelhas e se estendia até os olhos; parecia um Pointer inglês. Quando Pega não Nega engravidava, nascia uma ninhada, no mínimo oito cachorrinhos. Esse casal de cachorro os acompanhava em suas aventuras pela mata e aos pais na roça.

E assim, os questionamentos e dúvidas foram se sucedendo.

– De onde será que eles vêm?

– Será que são de outro planeta?

– Será que eles viajam em um disco voador?

– Então são extraterrestres?

– O que será que eles querem aqui na Terra?

– Para onde será que eles vão depois?

– Li em algum lugar que estes extraterrestres viajam numa nave espacial enorme, para roubar a água da Terra – disse Parrudinho.

– Por que eles não levam água do mar, que tem bastante? – questionou Perna Grossa.

– Eles só não roubam a água do mar, porque é salgada e tem iodo – argumentou Parrudinho.

– Será que eles vão levar o Mar d’Espanha? (nome dado ao maior poço da cachoeira) – perguntou Pequerrucho. – Eles vão cortar a cachoeira ao meio?

– Não, claro que não! – respondeu Perna Grossa. – Ninguém consegue cortar a água.

– Eles levam e devolvem como chuva – falou Pequerrucho.

– Não!– disse Parrudinho. – A professora ensinou que as chuvas vêm das nuvens. – Você ainda vai aprender sobre isso na escola – concluiu.

– O que será que eles comem? – perguntou Perna Grossa.

– Devem comer algum tipo de frutos, ou brotos de plantas – respondeu Parrudinho.

– Será que eles comem jaca-manteiga? – perguntou Pequerrucho.

– Penso que sim! – respondeu Parrudinho. – Por isso eles aparecem lá quando a gente tenta pegar uma delas.

– Minilique também fica bravo quando a gente tira o osso da boca dele – disse Perna Grossa.

– Será que eles comem gente? – perguntou Pequerrucho.

– Gente, não! – concluiu Parrudinho. – Senão teriam comido o tio João.

Depois de um longo silêncio, Pequerrucho sugeriu que deveriam ir buscar as coisas que haviam deixado para trás no dia anterior.

– Quero meu estilingue – disse ele, como se estivesse com saudade da sua atiradeira.

– Meu Deus, minha gaiola de alçapão! – exclamou Perna Grossa, com os olhos esbugalhados. – Será que tem algum filhote de bicho verde dentro dela?

Um olhou para o outro com cara de espanto, imaginando como seriam essas criaturas verdes, presas a uma gaiola.

De repente veio à mente o que a mãe dizia, “cuidado com o pé do bicho verde”. Então a essa altura eles não estariam presos à gaiola, e sim teriam esmagado a gaiola com seus pés grandes.

Os três levantaram-se ao mesmo tempo, como se alguém tivesse gritado já, e saíram rumo à jaqueira. De longe já perceberam que a gaiola estava intacta, sem qualquer alteração. Recolheram seus pertences e voltaram para casa. Aliviados do medo, mas ao mesmo tempo decepcionados por não terem visto o bicho verde.

Durante aquela semana os três irmãos se dedicaram a fazer pião daquele tronco de Guaratimbó. Fizeram seis piões, dois para cada um. Um para fazer exhibições rodando na palma da mão ou na unha do dedo, e outro para jogar tuque.

Certo domingo, Maria Perciliana foi visitar Papepi e, junto com os pais deles, saíram para um passeio pelo pomar. Ao passar pelo quadrado mágico, o pé de jaca-manteiga, o Guapuruvu e as Embaúbas, a mãe das crianças comentou:

– Esta é a jaca mais gostosa e adocicada que temos, mas estes bichos que vivem dentro dela assustam. Dá medo!

– Como são estes bichos? – perguntou Maria Perciliana.

– São uns bichos verdes que chegam e saem em revoadas todas as vezes que alguém tenta tirar uma jaca. – respondeu a mãe.

– Será que elas estão aí agora? – perguntou Perciliana.

– Penso que sim – respondeu a mãe. – Só tentando pra ver.

Os meninos arregalaram os olhos. Não por medo, como quando estavam sozinhos, mas por curiosidade. Afinal, estavam acompa-

nhados do pai, da mãe e de Maria Perciliana. O pai pegou um bambu e forçou a derrubada de uma jaca madura. A jaca estava furada, assim como o tronco da jaqueira, e os bichos verdes saíram em revoada.

– Esses bichos verdes de asas são uma espécie de abelhas da ordem himenóptera, conhecida como mamangava, maiores do que aquelas abelhas que produzem mel – explicou Maria Perciliana. – Medem em torno de três centímetros. Costumam sobreviver também em regiões frias. Constroem seus ninhos no solo, em troncos de árvores, ninhos abandonados de pássaros ou de camundongos. As mamangavas convivem em colmeias de até duzentos indivíduos, são peludas e emitem um alto zumbido ao voar. Só atacam quando são provocadas, e suas ferroadas são muito doloridas, e elas costumam atacar várias vezes.

Assim as crianças ficaram sabendo que o pé era o da jaca, e o bicho verde eram as mamangavas, mas ainda faltava uma coisa, saber sobre aquele barulho ensurdecedor e assustador que os fizera correr tanto.

Pois bem, o poc, poc, poc, nada mais era do que as sementes do Guapuruvu caindo de uma altura de aproximadamente vinte metros. O barulho fantasmagórico eram as enormes folhas do Guapuruvu que, ao cair, arrastavam consigo as folhas e frutos da Embaúba e a jaca madura corroída pelas mamangavas, provocando o bater das asas de urubus e outras aves que provavelmente estariam se alimentando do fruto da Embaúba. No silêncio na mata, equivalente ao silêncio da noite, para crianças sugestionadas pela advertência “Cuidado com o pé do bicho verde”, esse ruído mexia com seu imaginário.



JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO

DISCURSO DO ORADOR DA AGL - 2020

“Senhoras e senhores,

A Gratidão é a mais sublime das virtudes, que serve de base para todas as demais. Em nome da Academia Guarulhense de Letras eu, José Augusto Pinheiro, agradeço a cada um que dedica o seu tempo e a sua energia a prestigiar o nosso evento literário.

Hoje, 8 de dezembro, existem duas importantes comemorações em nossa cidade: o quadringentésimo sexagésimo aniversário de fundação de Guarulhos e o quadragésimo segundo ano de atividades de nossa querida Academia Guarulhense de Letras, AGL.

O mundo vive um ano absolutamente atípico; 2020 entrará para a História como sendo o início de era transformadora. Neste período, o nosso olhar deu significativa guinada para o interior de cada um de nós. Ficamos mais tempo recolhidos no refúgio do nosso abençoado Lar, convivendo com as pessoas mais importantes da nossa história de vida, aproveitando o sagrado tempo para desenvolvermos talentos e aptidões que, por vezes, ignorávamos a sua existência.

Pois bem. Nos últimos meses, eu tive a oportunidade de visitar Serra Negra, cidade do Circuito das Águas onde reside a minha linda mamãe. Lá, em setembro, houve grande queimada no conhecido Morro do Cristo. Inúmeras árvores perderam a sua bela cor e ganharam diversos tons de cinza; a exuberância natural e divina cedeu espaço para quadro deveras desolador. Semanas depois, em meados de novembro, eu retornei ao mesmo local. Para minha surpresa, as árvores continuavam secas, com uma agradável diferença: na base de cada vegetal aparentemente sem vida surgiram galhos novinhos em folha, emanando vibrações de vida e de esperança. Que bela metáfora!

Seguindo o exemplo do Planeta, a nossa Academia também precisou se reinventar. Já a partir de março, as tradicionais reuniões presenciais deram lugar aos encontros virtuais. A princípio, parecia-nos que a novidade seria de curto prazo. Mas não foi assim que os fatos se desenrolaram. O novo normal passou a ser na tela do computador, dos tablets e smartphones. Os abraços calorosos entre os confrades e as congreiras foram substituídos pelos sorrisos online e pelas palavras fraternas pronunciadas, bem entendido, após luta atávica para ligar o microfone virtual.

Como os ramos e as folhas verdes que insistem em manifestar a Vida de Deus, a Academia Guarulhense de Letras também se renovou em 2020. Castelo Hanssen, um de nossos amados pioneiros, tornou-se verdadeiramente imortal no início de março. Saudade imensa do homem humilde, cujo coração pesava menos que uma pena. Que pena, Castelo de versos; poeta de talentos diversos. Em contrapartida, Karla Maria e Devanildo Damião integram-se ao Sodalício, unindo à nossa a sua luz. Sejam bem-vindos!

Para completar o quadro, a mais guarulhense das escritoras lusitanas, Antonia Vaz, conclui a gestão 2019-20 da AGL, que contou com a sua melhor energia fraterna – presencial ou virtualmente. Muito obrigado, congreira, por abrilhantar este emblemático e histórico momento com a sua postura doce, generosa e – se me permitem a licença poética – carregando no colo e sustentando a Academia com o seu instinto maternal. Gratidão plena.

Por fim, resta-me desejar a você, Valdir Carleto, meu padrinho das letras, amigo de mais de quatro décadas, feliz e profícua gestão à frente da Academia Guarulhense de Letras nos próximos dois anos. Conte comigo e com os demais membros da AGL. Vamos prosseguir em nosso nobre mister de defendermos com bravura e destemor a nossa Amada Língua Portuguesa.

Pela generosa atenção, muito obrigado!”

DISCURSO DO ORADOR DA AGL - 2021

“Senhoras e senhores,
amigos e amigas das letras, boa noite!

É com imensa alegria que os membros da Academia Guarulhense de Letras os recebem para a solenidade de lançamento da Revista AGL – edição 2021, bem como em razão das comemorações dos 43 anos de fundação de nosso amado sodalício.

A gratidão é a mãe de todas as virtudes, base para todas as demais, por isto eu inicio esta mensagem agradecendo ao Pai Celestial pelo dom da Vida; à nossa anfitriã, Vera Novo, por sua abnegação fraterna; e a cada um dos senhores, que abriu mão de qualquer outra tarefa para estar aqui conosco.

No dia 8 de dezembro de 1560 teve início a história da cidade que nos oferece guarida. Guarulhos completava 418 anos de fundação quando valoroso grupo de intelectuais deu início aos trabalhos da Academia Guarulhense de Letras.

Cabe justo reconhecimento aos nossos saudosos pioneiros: Gasparino José Romão; Adolfo Vasconcelos Noronha; João Ranali; Néfi Tales; Norlândio Meirelles de Almeida; Milton Luiz Ziller; Flavio Cleto Giovanni Trombetti; Aristides Castelo Hanssen; Onofre Leite; José Mauricio Vieira; Hildebrando de Arruda Cotrim; Irineu de Castro Andrade; Geraldo Penteadado de Queiroz; Laerte Romualdo de Souza; Oscar Gonçalves; Silvio Ourique Fragoso; e Ary Baddini Tavares.

Neste ano, em 13 de novembro, o professor Baddini – último dos fundadores a tornar-se ‘imortal efetivo’ -, concluiu a sua missão terrena. Com este fato, todos os membros que compõem o rol atual de acadêmicos não estiveram presentes à gênese deste Sodalício; tomaram posse com o desenrolar desta enriquecedora história. Cumpre-me, neste momento, a honra de iniciar a contagem regressiva: faltam sete anos para o Jubileu de Ouro da AGL.

Cabe a nós, portadores do archote que ilumina a Cultura Guarulhense, envidarmos os nossos melhores esforços no sentido de valorizarmos a Academia – guardiã incontestada do culto ao vernáculo, incentivando as novas gerações aos bons hábitos da leitura, do pensamento criativo e da escrita que transforma para melhor o nosso entorno.

Rogamos a Deus, nosso Criador, para que fortaleça a Academia e que lhe conceda vida longa, com bravos escritores a nortear o caminho de todos aqueles que desejam externar as suas ideias, edificando nobres e pujantes ideais.

Viva Guarulhos! Viva a Academia Guarulhense de Letras!”

“BUSQUEM, POIS, EM PRIMEIRO LUGAR O REINO DE DEUS E A SUA JUSTIÇA...” – I

Pode ser paradoxal, mas existe uma maneira bem simples de você crescer e, apesar disso, ganhar discipulação aos olhos dos demais. Hoje vou tratar da evolução espiritual. Foi Jesus Cristo quem disse: “...Tu, porém, quando deres uma esmola ou ajuda, não deixes tua mão esquerda saber o que faz a direita.” (Mateus, 6:3). Com base nesta passagem bíblica, creio que nós tenhamos um bom tema para reflexão.

Nós somos seres duais; ou seja, um espírito divino habitando momentaneamente um corpo físico. A sociedade que valoriza o ter impulsiona a nós buscarmos o conforto material para que saçiemos as nossas necessidades mais diversas. Quem não se enquadra nesse contexto sofre muito, pois será eternamente desafiado. As religiões têm a missão de ajustar as pessoas no caminho da retidão,

do amor, da esperança e da fé. Todos e esses sentimentos são fundamentais para o nosso cotidiano, visto que cria em nós a verdadeira dimensão desta dádiva de Deus chamada Vida.

Já que temos necessidades materiais, nada mais justo do que satisfazê-las. Nós precisamos de alimentos, de roupas, de um teto... Uma pessoa que não tem o que comer terá uma séria e dolorosa sensação de fraqueza. Alguém que não tenha o que vestir sentirá frio e poderá adoecer. Quem não tem onde morar viverá em lugares insalubres e estará mais vulnerável a todos os tipos de perigo. Outras necessidades, ainda que sejam importantes, poderão ser saciadas posteriormente.

Claro, todos nós desejamos possuir um carro. Se possível, novo em folha. Algum problema? Não, nenhum. O automóvel permite o tão desejado 'ir e vir', no tempo em que bem entendermos; encurta distâncias e nos proporciona imensa alegria. Mas ninguém deve ficar infeliz porque não tem o seu carrão. Se alguém quer ou precisa de um veículo, deve trabalhar, economizar e desenvolver a fé em seu objetivo. Caso os recursos financeiros não sejam suficientes no momento, o sonhador não deve perder a esperança. Talvez este não seja o momento ideal de possuir o bem. Continue trabalhando, fazendo aquilo que é essencial; na hora certa, o 'posante' estará na garagem de casa.

Nunca, jamais, em tempo algum deve-se sequer pensar que determinada pessoa tem um carro e não fez por merecê-lo. Esse tipo de postura em nada ajuda no processo de conquistar o que se deseja. Aliás, muito pelo contrário, o certo é abençoar a vitória alheia. Isso dá uma sorte! E lembre-se: é somente por meio da gratidão e da generosidade que se alcança os melhores resultados.

Afirmemos, com convicção: Muito obrigado, Senhor, pois eu tenho o que comer hoje; muito obrigado, Senhor, pois tenho o que vestir agora; muito obrigado, Senhor, por me permitir habitar um imóvel; muito obrigado, Senhor, por me mostrar o eterno valor da gratidão.

“BUSQUEM, POIS, EM PRIMEIRO LUGAR O REINO DE DEUS E A SUA JUSTIÇA...” – II

A palavra-chave do crescimento espiritual é o equilíbrio. A evolução no campo imaterial é tão importante quanto crescer materialmente. A diferença é que os cinco sentidos físicos não estão preparados para perceber esse resultado. O mundo está pronto para reconhecer as vitórias tangíveis. Quem não repara na reforma da casa do vizinho? Agora, quem percebe que o mesmo vizinho está mais simpático, mais amável e mais generoso?

A serenidade também é fator de fundamental importância na nossa vida. A pessoa irada descontrola-se e pratica atos dos quais se arrepende futuramente, ainda que não reconheça isso publicamente. Eu tenho a plena convicção de que o crescimento espiritual só se processa naqueles que alcançam o autodomínio. Exemplo: alguém diz palavras “sem sentido” para você. Em outras palavras, rebaixa você e todos os seus ancestrais. Qual a sua reação? Responde na mesma frequência, sem levar desaforo para a sua residência? O que foi que você lucrou com isso? Creio que uma excelente filosofia de vida é tratar a todo o mundo com respeito e educação, mesmo que não seja isso que estejamos recebendo em contrapartida. E sabe por quê? Porque nunca saberemos se aquela pessoa que estamos tratando mal, não será a mesma que nos estenderá a mão quando estivermos precisando de ajuda.

Algumas pessoas poderão pensar assim: que mal há nisso? Aí, eu peço desculpas e...tudo bem! Tudo estará bem se a outra parte estiver pronta para perdoar. Caso contrário, nós continuaremos precisando de ajuda e não poderemos reclamar da sorte. O ser humano é imediatista quanto ao resultado obtido. Porém, quando o assunto é agir com amor no coração, normalmente o que se pensa é: amanhã será um novo dia; eu terei sempre uma chance de me fazer melhor. Talvez, o amanhã poderá ser tarde demais!

O caminho do meio: 1) viva o agora da melhor e mais prudente forma que puder; 2) plante somente sementes de bons pen-

samentos e boas atitudes no jardim da Vida; 3) semeie o amor e busque sempre o caminho do equilíbrio emocional; 4) cresça primeiro interiormente – a ação de ‘ser’ é o primeiro degrau para a conjugação do verbo ‘ter’; 5) Primeiramente, faça por merecer o reconhecimento de Deus. As opiniões alheias mudam ao sabor das conveniências tão humanas; o Criador, porém, é Eterno.

Em tempo – Por força de lei, eu devo me afastar desta prazerosa missão de escrever neste espaço. Faço votos para que esta etapa de nossa história seja superada em breve. Até mais ver. Forte e fraternal abraço.

VIVA A CARIDADE!

Meu amado e saudoso padrinho Agostinho do Espírito Santo Raposo (1929-1996) costumava dizer que o verdadeiro “ser inteligente” é aquele que somente pratica o bem. Homem bastante sábio, ele percebeu cedo que inteligência é a arte de descobrir o caminho mais curto para se atingir uma meta. E como o principal objetivo da vida é ser útil, somente será bem-sucedido aquele que fizer o bem sem olhar a quem. Este histórico período de confinamento compulsório será lembrado como aquele em que nós tivemos a oportunidade de nos aprimorarmos na senda da sagrada convivência com os nossos entes queridos.

A eterna lei de ‘ação e reação’ está em evidência. A natureza, a nossa melhor mestra, também nos concede a graça da sabedoria e nos aponta a estrada: plante sementes de bem; a colheita será doce e farta. Mesmo em tempos desafiadores como este que nós estamos vivendo, ao agirmos com o coração repleto de caridade para com o nosso próximo, nós crescemos espiritualmente. Há situações bastante complexas para alguns, mas nenhum problema que tenhamos nesta “passagem” pode nos afastar da maior missão terrena: servir aos outros.

Todas as religiões ensinam que a humildade é fundamental, e que o maior dos líderes é o primeiro a ser útil. O mundo está

repleto de seres humanos que sabem o que é preciso ser feito para nós atingirmos a perfeição. Contudo, das palavras à ação existe considerável distância. Se queremos ensinar uma lição a alguém, sejamos como faróis a iluminarmos o mundo com o nosso exemplo, com as nossas atitudes.

Outro ponto importante: em situações de crise, não adianta esperar que os governantes resolvam tudo. Apesar de alguns se esquecerem disso, vivemos em um país democrático, onde “todo poder emana do povo e em seu nome será exercido”. Ou seja, depende de nós para que as coisas sejam realizadas, sob o risco de sermos punidos por omissão pela nossa própria consciência. Quem ama a Deus, ama também a todos os irmãos e irmãs.

“Para viver um grande amor, preciso é muita concentração e muito siso (bom senso), muita seriedade e pouco riso”, escreveu o poeta Vinícius de Moraes. Para fazer da vida um exemplo de amor, é preciso praticar a doação. Como em tudo na vida, só chegaremos à perfeição se praticarmos persistentemente. A melhor ilustração é a chegada do descendente. Os pais da criança fazem tudo o que é necessário para que ela cresça com saúde, alegria e paz interior. Missão divina!

**JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO**

CRÔNICA

- PRESSA PRA QUÊ?¹

1986, provavelmente mês de julho. Fazia frio. Eram umas dezoito horas de um dia de semana. Pécias voltava do trabalho em sua moto 125 cilindradas, com pintura personalizada no tanque e para-lamas. Estava na segunda faixa dentre as três da pista lateral da Marginal Tietê. Encontrava-se entre o estádio da Portuguesa de Desportos e a ponte da Vila Guilherme. Sentido Lapa-Penha.

Seguia no centro da faixa. Como convém, ocupava o espaço de um automóvel. Imprimia a velocidade máxima regulamentada. O trânsito era intenso. Havia veículos pelo menos a cada dez metros em todas as faixas ao longo da via.

¹ JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

Atrás, com seu automóvel de 1.600 cilindradas, vinha um motorista apressado. Queria, a qualquer custo, ultrapassar a motocicleta. Mas não procurava ir à faixa da esquerda para fazer do modo devido. Aproximava-se perigosamente da motocicleta de Pécias. Acionava o farol alto e buzina várias vezes. Ameaçava a segurança deste, que não tinha para onde ir naquele momento.

Na iminência de um acidente, Pécias sinalizou intensamente. Usou a seta e o braço para chamar a atenção dos condutores à direita, cuja faixa o tráfego estava um pouco mais lento. Todavia, não conseguiu espaço para acessá-la. Assim, colocou-se o máximo que pôde à margem direita. E o motorista alocado avançou para seguir seu rumo.

No entanto, dois minutos depois, o trânsito congestionou. Passou a ser de parada e retomada. A velocidade média ficou em dez quilômetros por hora, formando uma fila a perder de vista.

Como Pécias estava de moto, não teve problema. Com o cuidado que sempre tinha, foi pelo corredor, entre os carros parados nas faixas.

Dois quilômetros à frente, reconheceu aquele apressado motorista, quando chegou ao seu lado. Pediu-lhe atenção e, sem a intenção de provocá-lo, disse:

— Ei, amigo! Está vendo? Não adianta ter pressa. Agora você fica aí parado e eu vou embora.

Só que o sujeito não interpretou positivamente. Falou uma ofensa e ameaçou. Pécias, entretanto, sabia que nessas ocasiões, o mais inteligente é o que cede. Continuou seu caminho.

O problema é que não demorou muito e o trânsito ganhou fluidez novamente. Diante disso, Pécias viu-se na possibilidade de ser alcançado por aquele sujeito problemático. Por isso, tratou de acelerar um pouco mais para não correr o risco. Agora quem tinha pressa era ele. Pressa para não encontrar encrenca, como por exemplo a de um carro de aproximadamente uma tonelada sendo jogado contra uma motocicleta.

Chegou ao destino sem ver novamente o tal indivíduo. Porém, considerou que não faria mais esse tipo de abordagem. Pois se é inapropriada a circunstância e a disposição do ouvinte, torna-se inócua e ainda provocativa. Porque até mesmo a melhor comunicação não serve para quem insiste na má interpretação.

POEMAS

UM TRÂNSITO QUE FLUI²

Em favor de um trânsito fluente
para o bem de muito mais gente
precisamos, mais do que estradas:
ferrovias, ciclovias e calçadas:
precisamos de mentes descongestionadas.

² JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

VELOCIDADE²

Andar em alta velocidade
não é pra idoso, nem pra jovem,
não tem a ver com a idade;
é pra polícia, bombeiro, ambulância;
é para esse tipo de necessidade.

O que as placas indicam na via
não é a mínima pra se correr,
como alguns parecem pensar,
mas a máxima, que todo dia,
cada condutor deve saber,
e, principalmente, se limitar.

Há trechos mui bem pavimentados,
onde se acha possa ir mais ligeiro,
porém, quando foram sinalizados,
estudos, antes providenciados,
consideraram arredores primeiro,
depois, o ritmo do fluxo certo.

² JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

Quanto maior a celeridade,
maior a distância necessária,
para o veículo poder parar,
sem que haja dificuldade,
nem condição originária,
de um acidente se causar.

Portanto, o controle da velocidade,
em nível seguro, com responsabilidade,
dentro do que indica a sinalização,
para a viagem seguir com normalidade,
é so haver educação e boa vontade,
do condutor que é bom cidadão.

FUMAR É 'MAR'

(Interpretação do autor para versão de um homem ainda analfabeto, mas já sabido, acerca do cigarro.)

Fumar é mar,
distrói purmão,
istorva u zotro;
num é trem bão,

Faiz fumaça qui intochica
qui dá tosse das qui fica.
U bem qui faiz é tão miúdo
qui mil veiz mais prejudica.

Fumar é ruim
dá roquidão,
istraga a pele,
hipertensão.

Faiz perdê dimais tempo,
disperdiçano momento
di bem istar i saúde,
gerando infraquecimento.

Fumar num presta,
dá sinusite,
istraga festa,
istomatite.

Faiz cê num í mais no isporte,
às veiz tira até seu norte,
reduiz as oportunidade,
diminói mui sua sorte.

Fumar é feio,
é negação,
dá impotência,
dói coração.

Faiz fartá muito, muito ar,
dificurta respirar,
e judia tanto du trôpego
qui até infarta o tar.

Fumar dá câncer,
tuberculose,
enfisema, angina
arteriosclerose.

Num faiz sacanage cunsigo!
Pruquê num afasta u perigo?
Pruquê não usa a corage
d'incarar essi inimigo?

Fumar faiz tanto zotro mar
qui num dá aqui pra ti falar.
Mais dá sim pra ti dizê
qui ocê pode ele derrotar.

Fumar é mar!
Mais o cê é bão.
Intão, vá e vença,
cum Deus!, irmão!

O JARDIM E A COERÊNCIA

A coerência é uma flor
que não dá em qualquer jardim,
principalmente onde
a lógica vale capim.
Pois nesse, os nutrientes,
só bastam para sementes
do mato todo alastrado,
que impede a flor de nascer,
que sufoca o florescer
do bem que seria plantado.

A mente que se atravanca,
e por isso não vê além,
abstém-se do bom juízo
e da coerência faz desdém.
Mas nem sabe que isto faz
com seu argumento fugaz,
pois lhe falta a consciência
que enaltece a natureza,
que favorece a grandeza
e aprimora a convivência.

A beleza do raciocínio
e a clareza do pensamento
requerem terreno fértil,
ideias em grãos, a contento.
Em solo que brota torrão
devido fraqueza do chão,
nenhuma cultura avança.
Terra assim tem que ter antes
bom húmus e fertilizantes
para a flor ter esperança.

Cuidem, pois, de suas mentes
como solo a se adubar,
nutrindo-as devidamente
com bom saber, pra bem pensar.
A que erva daninha alguma
em jardim nenhum forme bruma
e bons gérmens possam brotar.
A que o valor da humildade
junto à força da boa vontade
façam a coerência ganhar.

(23/06/2016)

FRASES³

Uma sociedade democrática com leis mais rigorosas pode incorrer no deslize de punir alguns inocentes também. Porém, uma permissiva como a nossa erra com frequência maior e os pune muito mais.

Os corruptos e os que deixam eles livres precisam, ambos, de muita educação para conscientizarem-se; os primeiros pela besteira que fazem e os últimos pelo que não fazem.

As melhores palavras, muitas vezes, são inúteis para justificar um mau exemplo, enquanto que um exemplo bom já disse tudo.

Quanto mais exigente se é, menos ou nenhuma opção se tem.

Pode ser desconfortável saber de nossos erros, apontados pelos outros; no entanto, sempre digno assumi-los, aprender com eles e melhorar.

Exatamente por oferecerem visões plurais, é que os programas multidisciplinares obtêm resultados singulares.

³ As Mil Frases de J.R.Jerônimo, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.

**MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA**

“A VIDA COMO ELA É...”

Era uma menina cuja similaridade alimentava sonhos próprios de sua faixa etária. Vivia cantarolando músicas que ouvia por onde passava, pois não havia, sequer, um rádio em sua casa. Com muito esforço, a mãe da menina levou-a para assistir a espetáculo que foi apresentado em um circo instalado próximo de sua casa. Dentre as atrações circenses, um número atraiu a atenção da adolescente entusiasmada: um sanfoneiro que, dedilhando os teclados do instrumento, cantava e encantava o público. O músico notou a presença da menina na plateia e lançava olhares entre sorrisos em sua direção, sendo retribuído pelos sorrisos da moçoila encantada pela música e pela beleza de seu intérprete. Encerrada a apresentação, eis que o simpático artista se aproximou da mãe da menina, cumprimentando-a e buscando aproximação da família, declarando prazer e felicidade em conhecer mãe e filha.

As visitas se sucederam e não demorou muito tempo para que da recente amizade surgisse um namoro incandescente. Vale esclarecer que a menina pobre vivia com a mãe. Já, Hermínio, o sanfoneiro atraente, além de musicista e cantor, pertencia a família de renome e de muitas posses, sediada em município vizinho. Enlevados pelo amor sem medidas, eis que, em breve tempo, Hermínio pediu a mão da jovem Isabel em casamento e, com o aval da mãe, consagraram a união e passaram a conviver como marido e mulher num verdadeiro mar de rosas. Do casamento entre apaixonados nasceram dois filhos, um casal denominado: Maria e Marino.

O que se depreende nesta relação é que o homem apaixonado pela adolescente encantadora, quando casou, o fez sem o conhecimento dos familiares e que, depois, se soube que era uma família abastada. Quando a notícia do casamento do sanfoneiro chegou ao conhecimento da sua família, desencadeou-se uma operação de desenlace, culminando com o desaparecimento do varão e a tentativa de se apoderarem das crianças geradas na constância da união. A notícia da captura das crianças pela família empoderada economicamente chegou aos ouvidos da avó materna que, desesperada com a possibilidade de sofrer este revés, arquitetou um imediato plano de fuga, para a filha e para os netos, sem dinheiro, sem destino e sem medo.

A saga continua...

A FUGA

Esta história tem o seu início numa cidadezinha do Vale do Paraíba, próxima da capital de São Paulo, cognominada Caçapa-

va. Uma mulher, dois filhos, um marido que não correspondia, uma família que não podia contar, uma cidade pequena, não tinha pra onde correr, uma separação inesperada, única solução ou a melhor que se lhe apresentava o momento de desespero: fugir! Pra onde? Isabel e os dois filhos seriam facilmente encontrados!

Depois de andar sem rumo por horas, com frio, nos arredores da cidade, deparou-se com um grande portão. Um cemitério, lugar pouco frequentado e onde ela poderia, temporariamente, acalmar o seu coração e ficar em segurança. Andando pelo campo santo, localizou uma campa abandonada e que, por este motivo, encontrava-se vazia. Não era o lugar ideal, mas os abrigaria do Sol, da chuva e da família do marido, que certamente já os estava procurando. No cemitério encontrou o abrigo provisório e necessário que precisava para raciocinar até que encontrasse uma solução adequada.

Alguns dias de desespero, com pouco alimento e uma decisão tomada: sairiam da cidade. Aguardaram a noite chegar e partiram os três, rumo a uma cidadezinha próxima, denominada Eugênio de Melo, onde a mãe possuía um familiar distante que lhe batizou e que lá residia e poderia lhe abrigar até que conseguisse uma ocupação. Ao chegar, explicou ao padrinho José Lopes os motivos que a levaram a tomar tal atitude e a situação em que se encontrava, pedindo abrigo para os três até que conseguisse um emprego e, assim, pudesse cuidar da prole.

Recebeu guarida e, trabalhando em subempregos para sustentar a família, tratou de conhecer a nova cidade e seus moradores, pois precisava que alguém lhe ajudasse a se manter no anonimato. Não se atrevia a matricular as crianças na escola, pois o sobrenome deles era conhecido na região e dessa maneira pode-

riam ser localizados. O seu padrinho, homem honesto, inteligente e trabalhador tinha certa influência na cidade, acumulando vários dotes: fabricante de aparelhos musicais, alfaiate, coveiro.. Conciliador nomeado de discórdia entre pessoas, com livre trânsito entre as autoridades e a nobreza, lembrou-se do amigo Augusto, dono do Cartório de Registro Civil local e que, talvez, pudesse ajudar de alguma maneira.

Depois de marcada a reunião, partiram os dois, a matriarca Isabel e o padrinho Zé Lopes, ao encontro do cartorário. Lá chegando e no desespero de se proteger e aos filhos, Isabel expôs a sua tragédia – a família do marido não aceitava o casamento do filho com ela, mas queria que os netos permanecessem na guarda deles, descartando, liminarmente, a mãe das crianças. Condoído, o cartorário, tendo ciência da fama tenebrosa da família em questão e sabendo que a matriarca perderia os filhos caso fosse descoberta, num arroubo de consciência, providenciou-lhes novos documentos possibilitando que pudessem viver em paz, pois, com os nomes atuais, seria impossível localizá-los.

Com a vida “regularizada”, a mãe agradecida pôde matricular os filhos na escola local. Para manter o sustento, Isabel aproveitava todas as ocupações que lhe apareciam. Preguiça era um vocábulo que não existia no seu dicionário. E, dessa maneira, a vida ia transcorrendo com muito trabalho e pouca diversão; porém, ela não se importava, pois tudo o que lhe interessava, possuía: a guarda dos filhos.

O tempo passou e as crianças cresceram, transformando-se em adultos do bem. Casaram-se – o menino Marino constituiu família com uma moça da vizinhança e com ela tiveram 12 filhos, permanecendo na cidade. A irmã, Maria, conheceu um rapaz de

prenome Miguel num baile de carnaval. Namoraram, noivaram, casaram e mudaram-se para a cidade de São Paulo, trazendo no enxoval a matriarca Isabel.

Se tinham esperança de que em São Paulo a vida seria mais fácil, se decepcionaram. Mesmo trabalhando os três, as despesas eram maiores, cidade grande, custo elevado, além do pagamento do aluguel. Tinham que apertar o cinto para conseguirem chegar ao final do mês sem levar pendências para o próximo.

Família constituída, os filhos começaram a chegar, num total de 9, mas só sobreviveram 5, ou seja: duas meninas com diferença de 5 anos: Maria Aparecida e Maria Inês; na sequência vieram 3 meninos: Mauro, Miguel e Maurício. Os patriarcas Miguel e Maria tiveram uma união feliz e duradoura: foram 67 anos de vida em comum, sempre ao lado da Vovó Isabel que, aos 97 anos; faleceu. Ele, Miguel, aos 92 anos partiu para a última morada. Ela continuou a caminhada, rodeada pelos filhos e netos, que sempre estiveram presentes em sua vida.

Os anos vividos têm cobrado muito da matriarca e hoje, com 102 anos, vive do hospital para casa e vice e versa; as dores nas articulações dificultam os movimentos que até há algum tempo não lhe impediam de se locomover. Hoje, depois de 4 internações, sendo a penúltima na UTI por 4 dias, percebe que a sua missão está cumprida. As crises de arritmia, cada vez mais frequentes, assustam os filhos que fazem de tudo para prolongar a vida da vó Maria, que completou 102 anos em 14 de maio de 2022.

No dia 21/09/2022, já concluído este texto, Maria, a minha adorável mãe, a menina que participou ativamente da fuga engendrada por sua genitora, minha vovó Isabel, partiu para a sua

última morada, onde, certamente, foi encontrar os protagonistas desta história que não chegou a ler, mas, da qual foi coadjuvante necessária.

Mauro faz parte desta história.



TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA

VALENTINA (MINHA AVÓ MATERNA)

Mulher forte, religiosa, batalhadora e guerreira, trabalhava de Sol a Sol para dar conta dos quatro filhos. Abandonada pelo marido, não tinha outra alternativa. Gostava de contar histórias. Quando indagada, dizia: não sei contar histórias, conto a vida.

Valentina sempre foi muito religiosa e, todos os dias rezávamos antes de dormir. Após o término das rezas tradicionais, ela me ensinava a rezar no vernáculo italiano. Mais um talento da Valentina eram as benzeções, que nem sempre eu entendia, mas acatava com prazer ouvindo nomes que só ouvi a minha vida inteira de sua boca: “espinhela caída”, “nervo torto”, “carne grevada” e outras.

O que conto são os fatos do dia a dia que presenciei e guardei na memória. Até os 13 anos, vivi com ela num bairro de São Paulo denominado Vila Guilherme. A casa era pequenina, mas aconchegante. Tinha só dois cômodos: quarto e cozinha. O banheiro ficava apartado da casa por cem metros. O quarto era guanecido por uma cama de casal, uma de solteiro, uma cômoda, um guarda-roupa e uma máquina de costura. Na cama de casal, dormíamos eu, minha tia e minha avó; na cama de solteiro dormia o meu tio.

O local era pequeno, mas o quintal era enorme – um quarteirão inteiro. Muitos pés de frutas, tais como: caqui de todas as qualidades, goiaba, banana, pêssego, amora, figo, limão, verduras e legumes. Alguns animais tais como galinhas e porcos. Um verdadeiro paraíso para brincadeira das crianças. Esse lugar me marcou tão profundamente que hoje os meus sonhos me levam, invariavelmente, para a rua Amazonas da Silva, número 5. A casa da minha avó não era a única nesse espaço gigantesco: havia também a residência dos meus pais e a casa dos donos no terreno, Senhor Pedro e Dona Maria, para quem minha avó e minha mãe pagavam aluguel.

Valentina vinha de uma família religiosa: o pai havia estudado pra ser padre, mas, conheceu minha bisavó e, apaixonado, desistiu de seu intento, formando com ela uma prole de nove filhos, sendo oito meninas e um menino. A família era supersticiosa e sendo ela a sétima filha, contava que era costume, à época, a filha mais velha batizar a sétima evitando que algo de mal acontecesse. Era com orgulho que ela contava ser afilhada de sua irmã primogênita.

Valentina frequentava a igreja regularmente, assistia às missas aos domingos e ensinava para os netos todas as orações que conhecia, em português e italiano, dizendo que quando morresse tinha que deixar alguém no lugar dela para rezar pela família.

Muitas histórias ouvi de minha avó, destacando dentre elas a que trabalhava para a família Mattarazzo, quando a minha mãe nasceu. Com uma semana de dieta, a parturiente, obrigou-se a deixar a nascitura aos cuidados da bisavó, por motivo econômico. Ela amamentava, mas, trabalhando fora, ficava difícil cumprir o aleitamento materno. Minha avó produzia muito leite e como não conseguia amamentar nos horários corretos, o líquido escorria das mamas molhando a sua roupa. O velho Matarazzo, habitualmente, andava pela empresa e, numa dessas vezes, deparou-se com cena inusitada: Valentina tentando secar-se, pois o leite escorria sem parar. Imediatamente, convocou-a para uma reunião para certificar-se do que ocorria. Minha avó contou-lhe a sua história: Viera há pouco da cidade de Bebedouro para tentar a vida na cidade grande. Ela, o

marido Xavier e a filha recém nascida, Maria Magdalena. O marido trabalhava, mas, o que ganhava não era suficiente para manter a família. Valentina tomou conhecimento da abertura de vagas para trabalhadoras naquela empresa. Não podia perder a oportunidade e assim candidatou-se, obtendo êxito. Agora poderia ajudar o marido nas despesas do lar. O velho Matarazzo, condoído com a história de vida exposta pela funcionária, agraciou-lhe com um valor em dinheiro que correspondia a mais ou menos seis meses de seu salário, mandando-a para casa para cuidar de sua filha e garantiu o seu emprego após esse prazo. Valentina não perdia uma oportunidade para contar essa história e enaltecer o nome do velho Matarazzo, homem bom, humano e justo na acepção da palavra. Após esse prazo, retornou ao trabalho, considerando que a promessa foi cumprida.

De outra feita, contou-me que durante uma viagem com duas de suas irmãs, tiveram um bate-boca que a deixou magoada e sem vontade de voltar a falar com a irmã da discórdia. Viajavam de trem e a distância era longa e, para ficarem mais à vontade, tiraram os sapatos que estavam lhes incomodando. Quando chegaram ao destino, cada uma calçou um par de sapatos e desceram do trem. Os ânimos estavam acirrados e elas não perceberam que uma havia, involuntariamente, trocado um pé do sapato da outra. Tudo bem, pois calçavam o mesmo número, mas havia um detalhe: o sapato da Valentina era de saltinho e o da outra irmã não. Nenhuma das duas queria dar o braço a torcer e foram claudicando até a casa da quarta irmã, motivo da visita. Logo esqueceram da desavença e riram muito do ocorrido.

Valentina, sempre muito ativa, quando lhe diziam que andava mais do que notícia ruim, respondia prontamente: melhor andar à toa do que ficar à toa. Era a única que visitava as irmãs regularmente e, sempre que possível, a pé. Magra e franzina, detinha uma força impressionante. Sempre tinha muitas histórias para contar e todas gostosas de ouvir.

Valentina faleceu com 97 anos e meio, tendo tempo de conhecer e acompanhar o crescimento da família que ela criou, composta

de quatro filhos, 12 netos, 21 bisnetos, por eles chamada de Vovó Bisa e 15 tataranetos, por eles chamada de Vovó Tata. Dedicou a sua vida à família e partiu serena, com a certeza do dever cumprido.

Hoje, dia 1º de setembro de 2022, completa 13 anos que ela, Valentina Francisca Canapi Baptista, partiu para a última morada e, certamente, feliz está na casa do Pai, contando as suas histórias e divertindo quem estiver disposto a ouvi-la!

**VALDIR CARLETO**

O SER HUMANO, ESSE ANIMAL IRRACIONAL

Aprendi nos primeiros anos de estudo que o homem – ser humano – é o único animal racional. O tempo passa, a gente vive uma infinidade de experiências, observa o comportamento dos animais ditos irracionais, como nossos cachorros e gatos, bichos que vivem nos matagais, na selva, e então a gente se põe a pensar, comparando como eles agem e como muitos seres humanos agem. Seria o caso de perguntar: o ser humano é mesmo racional e os demais animais são irracionais?

Observo uma fila de carros. O sinal está fechado. Há um motorista tentando atravessar para entrar no posto de combustíveis. Dar-lhe passagem não mudará nada na vida de ninguém, mas ninguém permite que ele passe. O sinal abre, todos seguem adiante e o motorista que queria atravessar continua aguardando uma oportunidade, uma atitude coerente de alguém que haja diferente de outros racionais.

Observo uma pessoa relativamente jovem no caixa preferencial do supermercado. Tudo bem, pois é preferencial, não exclusivo. Porém, logo atrás há uma senhora idosa. Seria de bom tom que quem está na frente cedesse o lugar a ela. Mas, não: o rapaz faz cara de paisagem e continua ali, valendo-se de uma vantagem que não lhe caberia. Terá agido de forma racional?

Observo um filho jovem acabando de almoçar. Vai até a pia da cozinha e deixa lá o prato, o copo, os talheres, para que a mãe lave depois. Se o fizesse de imediato, seria muito fácil, pois os resíduos estão úmidos ainda. Quando a mãe retornar do trabalho, a gordura terá se impregnado na louça, no aço inox, a polpa da fruta do suco terá grudado no copo... Ele age como se a mãe fosse sua empregada. Não me parece uma atitude muito racional. Pode até ser pela ótica do jovem, mas não é uma atitude digamos humana.

Observo um motorista xingando a mãe de outro no trânsito, por alguma “razão” que não pude descobrir. Por uma bobagem qualquer, os ânimos acirram-se, motoristas usam suas máquinas como se fossem armas, avançando uns na faixa dos outros, por alguns metros de dianteira, às vezes centímetros. De repente, um deles está armado de verdade, saca a arma e dispara, respondendo de forma “racional” à ofensa que recebeu. Vidas que se perdem por tão pouco... Quem está no trânsito deve carregar uma “mãe-estepe”, para receber com certa naturalidade os xingamentos dirigidos a um ser que não é exatamente a mãe do motorista, a qual, aliás, não tem culpa nenhuma do que pode ter ocorrido nas manobras pouco recomendáveis desses pretensos ases do volante.

Observo um homem sendo ríspido com a esposa, por algo que ele disse e ela não entendeu de pronto. Age como se fosse superior a ela, como se ela tivesse obrigação de captar de imediato

a mensagem que ele quis transmitir. Teria ele sido claro o suficiente? Ou apenas é dono de uma arrogância própria dos seres ditos humanos?

Observo uma mulher destratando o frentista que a atende no posto de combustíveis. Fala com ele em tom insolente, próprio de quem acha que quem exerce uma função simples não merece ser respeitado. Talvez, se no Brasil fosse como nos Estados Unidos, onde o próprio condutor precisa abastecer o carro, ela daria mais valor a quem exerce essa profissão.

Observo adultos fumantes, com crianças no colo, soltando a fumaça e fazendo com que o ser indefeso inale todos os venenos nela contidos. Não bastam todas as comprovações dos males que o cigarro provoca no organismo humano? Ainda mais para o pulmãozinho de um bebê de colo? Onde está a racionalidade dessa atitude?

Poderia citar inúmeras situações nas quais o bicho ser humano age de forma irracional, muito pior do que os demais animais. Eles, aliás, se agissem de formas tão indevidas, teriam o alibi que a ciência lhes faculta de serem animais irracionais. Mas, e o ser humano, que tem a faculdade do raciocínio, que teve a oportunidade de estudar, de aprender, como justificar que continue agindo de um jeito tão reprovável?

Pense nisso. Por acaso, costuma agir assim, já agiu assim alguma vez? Coloco o tema para reflexão. Não quero ter razão. Às vezes, é melhor não ter razão.

TEXTO PARA TODOS, TODAS E TODES

Cada vez mais, sinto dificuldade para absorver novos conceitos que alguns grupos vêm procurando difundir do que seria politicamente correto na forma de se referir às pessoas.

O mestre Bismael discorre em seu artigo publicado nesta edição da AGL sobre o fato de as leis no geral terem sido elaboradas por homens, colocando as mulheres em situações subalternas ou ignorando-as. Ele cita a expressão “todos os homens são iguais perante a lei” como exemplo desse “esquecimento” dos legisladores. É evidente, entretanto, que quando se fez essa redação levou-se em conta que os gramáticos definiram que ao colocar determinado termo no plural subliminarmente já estariam os femininos enquadrados mesmo estando a palavra grafada apenas no masculino. Assim, quando se diz “os legisladores” também estariam incluídas “as legisladoras”. Ou seja, os legisladores e as legisladoras quiseram exprimir que “todos os seres humanos são iguais perante a lei”. Aí, alguém pode argumentar que os gramáticos que definiram essa regra também eram homens em maioria e que essa regra é machista.

Dias atrás alguém defendeu que, por isso, é preciso sempre dizer “obrigado a todos e a todas”. Ao passo que uma terceira pessoa pregou que tem de dizer “todes”, pois há aqueles e aquelas que não se sentem eles nem elas. Aí, surge a regra de ter de expressar-se assim: “todos, todas e todes”, para poder incluir todas as pessoas, sem distinção, sem discriminação.

Acredito que a língua é dinâmica e, da mesma forma como o que se escrevia com “ph” passou a ser escrito com “f”; assim como palavras que exigiam um “c” antes de “t” (contacto, por

exemplo), não exigem mais; assim como o trema caiu... novas regras hão de surgir e pode ser que em um futuro não muito distante surja um novo Acordo Ortográfico dos países de Língua Portuguesa, definindo novas regras para grafar palavras no plural.

É o caso, entretanto, de argumentar que há palavras que exprimem o masculino mesmo sendo grafadas exclusivamente no feminino. Vítima, por exemplo. Precisaria criar o masculino “vítimo”? E há palavras no masculino cuja terminação é em “a”, como “problema”. Então teríamos de criar “um problemo”, “uma problema”, já que o objetivo é deixar tudo muito explícito, sem margem para interpretações divergentes.

Façamos, desde já, um exercício de como os textos serão lidos em um programa de rádio, por exemplo, se essas defesas prevalecerem:

Estão abertas as inscrições para preencher 123 vagas de enfermeiros, enfermeiras e enfermeires. Podem inscrever-se os alunos, as alunas e es alunes formados, formadas e formades há, no máximo, três anos.

Os interessados, as interessadas e es interessades devem preencher formulário nos hospitais da rede pública, informando situações especiais que possam lhes garantir pontos adicionais em caso de empate.

Caso o interessado, a interessada ou e interessade tiver sido vítima, vítima ou vítima de discriminação de gênero comprovada com documentos, terá um ponto adicional. Se foi vítima, vítima ou vítima de assédio moral, comprovado com documentos, terá dois pontos adicionais. Se foi vítima, vítima ou vítima de assédio sexual, comprovado com documentos, terá três pontos adicionais.

No dia da prova, os candidatos, as candidatas e es candidatas que tiverem alguma dificuldade de locomoção terão direito a um motorista, uma motorista ou uma motoriste para buscá-lo, buscá-la ou buscá-le e levá-lo, levá-la ou levá-le de volta a sua residência ou onde estiver hospedado, hospedada ou hospedade.

Os selecionados, as selecionadas e es selecionades serão registrados, registradas e registrades na respectiva função, e todos, todas e todes terão direito a salários iguais.

Se essas teses estapafúrdias prevalecerem, vai ter homem metido a machão que não admitirá ser classificado como pessoa física pela Receita Federal. Exigirá ser denominado pessoo físico. Afinal, direitos iguais para todos, todas e todes!

NOTA DE FALECIMENTO DE ALGUMAS PALAVRAS

Como citei no artigo anterior, sabe-se que a língua é dinâmica e é natural que com o passar do tempo palavras ganhem outro significado e até passem a ser escritas de outra forma.

Pode ser que os casos que citarei aqui, em tom de crítica, prevaleçam do jeito que estão em uso atualmente e se consagrem. Quem sou eu, aliás, para discordar? Mas, valho-me do chamado direito de espernear.

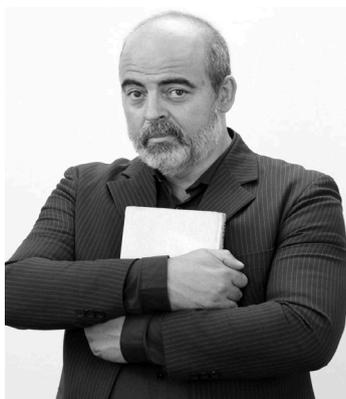
Acho estranho, por exemplo, que agora ninguém faz mais nada, todo mundo “realiza”. “A escola X realiza no dia tal evento Y.” Concordo. Um evento nasce primeiramente na mente de alguém, passa por um planejamento, até tornar-se realidade. Realizar em meu entendimento é tornar real algo que estivesse no campo das ideias, dos planos, dos sonhos. Fazer uma grande viagem é, de fato, realizar um sonho. Mas, tem muita gente usando o verbo realizar até para referir-se a faxina. Quem sonha fazer faxina?

Discordo também da substituição da palavra “preço” por “valor”. A mulher chega na banca da feira e pergunta qual o valor da banana prata. Um nutricionista provavelmente discorreria por uma hora sobre o valor dessa saborosa fruta. Mas, a dona Maria só queria mesmo é saber o preço. Entendo que preço é algo matemático. Valor é muito subjetivo, estimativo. Há coisas que têm um significativo valor para muitas pessoas e que, para mim, nada valem. A boina que era do meu pai pode custar mínimos reais, mas para mim tem um valor estimativo incalculável.

E há palavras que ganham sentido exatamente oposto ao seu verdadeiro significado. A palavra trânsito tem sido empregada para referir-se a congestionamento. A jovem chega atrasada ao trabalho e diz que estava muito trânsito no caminho. Ora, se houvesse trânsito, ela teria chegado adiantada. Atrasou-se porque o trânsito estava congestionado. Afinal, transitar indica movimento. Porém, até programas noticiosos estão usando a palavra trânsito para indicar congestionamento.

O que também indica movimento é o verbo seguir: “Siga por esta rua e você chegará ao seu destino”; “O filho segue os passos do pai: formou-se advogado e desenvolve ótimo trabalho”. Mas, convencionou-se usar o verbo seguir no sentido de continuar, permanecer. “O ônibus segue parado no ponto enquanto o motorista discute com o passageiro”. Ué!? Segue parado? “José segue desempregado”. Tomara que ele logo arrume emprego, mas enquanto não conseguir, creio que ele continuará desempregado. “Seguirá desempregado” daria outra conotação, como se um desempregado estivesse caminhando e José indo atrás dele.

Fazer estas observações pode não ter nenhum valor. Mas, enquanto eu tiver trânsito para manifestar-me, continuarei esperando por meio das palavras.

**YANNICK BASSUMA**

CONTO

O GIGANTE

Sempre despertava em um longo corredor, de um branco que fazia doer nossa visão. Dos dois lados existiam portas, com pequenas aberturas quadriculadas, com vidros. Uma luz de intensidade bruxuleante saía pelas janelas, e mesmo que eu tentasse olhar para dentro das portas, não conseguia verificar o que tinha lá dentro. Ia andando pelo extenso corredor; sentia que estava sozinho. Até tudo estremecer, e sentir que alguém tinha chegado. Não conseguia distinguir, mas só sentia que parecia um gigante pela gigantesca sombra que produzia. Vestido com uma roupa rústica e, em sua cintura, tinha um cinto com milhares de chaves. Fiquei assustado, e saí correndo pelo corredor sem fim, tentando entrar em alguma porta, mas todas estavam fechadas. Foi quando parei de correr: estava exausto. E quando me virei, depois de sentir o chão estremecer atrás de mim, percebi que era o gigante. Estava parado em minha frente. Fiquei paralisado de medo, e esperei que fos-

se agredido, ou esmagado por aquele ser descomunal. Acreditava que aquele ser gigantesco quisesse fazer algum mal a mim, mas, para minha surpresa, somente escutei uma voz gutural, que disse, passando suas mãos enormes pelas chaves que estavam em sua cintura, fazendo o barulho típico de metais se chocando entre eles:

– Escolha uma chave!

Com essa frase enfática, fazia o gesto de passar as mãos em sua cintura, e fazia sempre a mesma pergunta com sua voz gutural, que estremecia todo o ambiente.

– Vamos, criatura! Escolha uma chave!

Eu estava confuso: não poderia saber o que significava aquela escolha; então, decidi fugir dali; corri o mais que pude pra longe do ser gigantesco, e fechei os olhos. E me vi em uma floresta, a luz do Sol dava suas últimas pinceladas no ambiente, e comecei a correr, para fugir para o mais longe possível daquele lugar. Parando novamente para recobrar meu fôlego, senti o chão tremer, e entre as árvores, vi a sombra do gigante vindo em minha direção. Tentei correr, mas foi em vão: só senti o chão tremendo atrás de mim, conforme o gigante vinha andando em minha direção. Tentei me embrenhar pela floresta, e pensei que havia despistado o gigante; ledo engano. Parei em frente de uma escadaria de pedra antiga, e parcialmente coberta por folhas da floresta ao redor. Causava uma certa estranheza aquele lugar em meu ser. Por poucos segundos, pensei que tinha me livrado do gigante, mas foi somente uma ilusão por pouco tempo. E em um pulo fantástico e sobre-humano, o gigante repousou da queda em minha frente. Ia se endireitando, depois do salto colossal, e fez novamente a determinação:

– Escolha sua chave!

Fazia o mesmo gesto com suas mãos, entre as chaves, fazendo o barulho dos metais cintilarem por toda a floresta. Cada vez o barulho aumentava mais, e as mãos do gigante pareciam que aceleravam os movimentos, fazendo com isso o barulho ser insuportável. Tentei tapar os ouvidos com minhas mãos, e fechei meus olhos, mas foi tudo em vão. Quando dei um grito:

– Pare com isso!

No mesmo momento, o som cessou, e quando abri os olhos, estava de volta ao longo corredor branco, de portas infindáveis de ambos os lados. E novamente senti o chão estremecer; mas desta vez não senti medo, e não corri. Fiquei parado, esperando o gigante se aproximar, não conseguia ver acima de sua cintura, somente até seu cinto com milhares de chaves. Deviam ser milhares de possibilidades, pensei. Mas a voz gutural novamente me arrancou de meus pensamentos íntimos, e deu a sentença fatídica novamente:

– Escolha sua chave!

Eu não tinha confiança no gigante, e não conseguia ver o que tinha atrás daquelas milhares de portas, do corredor infindável de possibilidades. E falei:

– Não vou escolher chave alguma!

Gritei com uma coragem, que até me assustei comigo mesmo. Tirava uma força de dentro do meu ser, que achava que nunca tivesse. Esperei ser esmagado pelas mãos descomuns daquele ser gigantesco, mas não foi o que aconteceu. Ele passou suas mãos pelo seu cinto, dessa vez de forma suave, e falou com aquela voz gutural que estremecia todo meu ser e o ambiente ao redor:

– Que assim seja!

Pensei que tinha tudo acabado, que o gigante depois que tivesse dito essa frase me deixaria em paz. Doce ilusão a minha: novamente ele passou suas mãos pelo cinto, fazendo o barulho de metais se chocando, e falou com a voz mais gutural ainda:

– Então terei que escolher para você!

Tentei protestar, mas foram em vão minhas súplicas e queixas. Devido ao barulho que fazia passando suas mãos pelas chaves, minha voz era sufocada e nem eu mesmo a ouvia. Imagine se aquele humanoide de forma grotesca ouvia alguma coisa que eu falava, ou se importava! De repente, o barulho cessou, e o gigante lentamente tirou uma chave de seu cinto. No momento que a chave foi tirada, um grande barulho, parecendo um trovão, se fez ouvir naquele corredor interminável, e ouvi sua voz pela última vez:

– A chave foi escolhida!

E num gesto com sua mão descomunal, atirou a chave, que caiu em minha frente. O gigante se virou e foi indo embora, e a cada passo que se distanciava, o tremor ia diminuindo. Como não tinha o que fazer, para sair dali, abaixei e ia pegar a chave, mas desisti. Levantei-me e fui tentar procurar uma saída: fui correndo para minha direita, e, depois de correr algum tempo, cheguei onde estava caída a chave. Não entendia o que estava acontecendo. Fui para a esquerda, e o mesmo fenômeno estranho aconteceu. Cheguei de volta no mesmo lugar onde a chave estava. Como eu não tinha mais saída, decidi pegar a chave, mas uma dúvida me ocorreu:

– Como eu saberia qual porta seria?

Mas, essa dúvida durou pouco. Somente quando encostei minha mão na chave, que todas as portas das quais saía uma luz bruxuleante de dentro se apagaram, e restando somente uma porta que tinha aquela luz de dentro. Pensei comigo mesmo:

– Deve ser esta porta!

E fui em sua direção, com o coração acelerado e a respiração ofegante. O medo do desconhecido nos apavora. Muitas vezes, nos apavoramos com as criações da nossa mente, mas aquela situação era demais para um ser humano normal. Cheguei na frente da porta, tentei olhar pela janela, mas, nada: não conseguia ver nada. Respirei fundo e coloquei a chave na fechadura. Novo estrondo aconteceu naquele corredor, fazendo-me assustar e me afastar da porta. Depois, o silêncio reinava solitário naquele corredor que agora estava na escuridão total; somente a porta em minha frente iluminava parcamente o ambiente. Respirei fundo novamente: isso me fazia relaxar. Coloquei a mão na maçaneta, uma energia estranha percorreu meu corpo. O coração acelerou, eu reuni todas as forças de minha alma para abrir aquela porta, quando barulhos e grunhidos começaram a vir dos dois lados do corredor infundável. Eu tirei a mão da maçaneta e tentei escutar de onde vinham esses barulhos. Foi quando meu coração “gelou” de pânico. Olhos vermelhos vinham dos dois lados daquele corredor escuro. Vinham gritando e proferindo palavras em idiomas incompreensíveis para mim. O medo daqueles olhos vermelhos se tornou muito maior do que abrir a porta em minha frente. Eu corri para a porta, virei a maçaneta para abri-la, e, para meu espanto, a porta não abriu. As criaturas estavam cada vez mais perto; agora eu podia sentir um cheiro nauseabundo no ar, algo apodrecido; eu não saberia distinguir. E, na verdade, não tinha a menor vontade de saber o que

eram aqueles seres. Tentei forçar a porta, e pensei que o gigante fez um jogo maquiavélico comigo; porque eu não tinha escolhido a chave, então agora eu sofreria as consequências. Parei e respirei fundo novamente, e tentei colocar meus pensamentos em ordem, ignorando aqueles gritos e grunhidos, que estavam cada vez mais perto. Foi quando me lembrei que só tinha colocado a chave, e não tinha virado a chave para abrir. Seria isso?! Pensei:

– Que idiota era eu!

E virei a chave 3 vezes para a direita, e forcei a maçaneta e nada aconteceu, a porta não abriu! O desespero invadia meu coração pouco a pouco. E tentei virar a chave novamente e nada: só ia 3 vezes para a direita. E me veio uma ideia em minha mente: ou deveria ter sido soprado em meus ouvidos por algum ser que não percebia que estaria me auxiliando? Quem sabe? Não poderia pensar naquele momento! Deve ser como um cofre, tenho que virar para o outro lado também! É isso, falei em voz alta, foi quando escutei gritos animais que agora vinham do teto do corredor também. As criaturas de olhos vermelhos e esbugalhados preenchiam todo o corredor, como um grande enxame de insetos ensandecidos. Tinha virado 3 vezes para direita, e fui virando para esquerda até chegar a 6 vezes. Forcei a maçaneta, e a porta...

...Não abriu.

Pensei, desolado e já revoltado: – Agora ferrou!

Pensei em outra palavra, mas não queria falar para vocês aqui. Sentia o ar ao meu redor esfriar, e ficar denso. Dificultava a respiração, e foi soprado em meus ouvidos novamente: Só mais uma vez! Não tinha mais tempo a perder e fui girando a chave

para a direita novamente até girá-la 9 vezes. E escutei uma voz nitidamente atrás de mim nesse momento:

– Se você soubesse a magnificência dos números três, seis e nove, você teria a chave para o universo!¹

Pensei em olhar para trás para saber quem me tinha dito essa frase, mas não tive tempo: a turba de criaturas das trevas estava a poucos metros. Respirei fundo novamente, girei a maçaneta, e um grande estrondo se ouviu. Abri a porta rapidamente e não consegui ver muita coisa. Somente uma luz muito forte que me cegava; e fui tragado imediatamente para dentro, fazendo com isso que a porta fechasse atrás de mim. E, com isso, o som daquelas criaturas pestilentas desapareceu por completo. Quando consegui me levantar, e meus olhos foram acostumando-se com aquela luz, vi um banco de concreto, ou parecia algum tipo de material similar, à direita, todo branco. E depois percebi que a luz que eu via estava muito alta; na verdade, estava muito longe. Fiquei de pé por algum tempo, e depois olhei para aquele banco, e presumi que ele estava ali, por algum motivo. Eu deveria ficar esperando? – pensei. Então foi o que fiz: sentei no banco de concreto branco, ou de algum material desconhecido para mim. E fiquei esperando...

¹ Frase de Nicola Tesla.

Yannick Bassuma é escritor e palestrante

Facebook: Milton Bassuma

Instagram: Professor Bassuma/ Yannick Bassuma escritor

Youtube: Yannick Bassuma escritor

Vk: Milton Bassuma

POEMA

COSMONAUTA

O cosmos é infinito?
Milhões de estrelas a brilhar;
Não acredito em seres finitos!
Quando miro o teu olhar.

Fora da Terra, no vazio
Eu vivo sempre a vagar
E quase por um fio
Não consigo mais voltar

Olho lá de cima
E vejo uma pequena esfera a girar
É a Terra que me anima
Mas, no espaço não tenho força pra gritar

É uma imensidão fria e escura
Que está a me rodear
Mas, ainda sinto a ternura
Das suas carícias ao luar

Quando você partiu para o céu
Tornei-me um cosmonauta pra te procurar
Mesmo que, em verdade, você repose em um mausoléu.
E nunca mais poderei te amar...



❧ *44 Anos* ❧
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE II
NOTA FÚNEBRE



NOTA FÚNEBRE - ARY BADDINI TAVARES

Os membros da AGL suportam as dores provocadas pelo abalo que fez ruir a derradeira coluna, dentre os ancestrais fundadores que não mediram esforços para ver prosperar a única instituição que representa a cultura no Município de Guarulhos - AGL.

Fez a passagem no dia 13/11/21 o inextinguível confrade Ary Baddini Tavares, escritor de estreito relacionamento com as letras e detentor de um vasto cabedal de conhecimentos, que dominava com excelência qualquer assunto que lhe se propiciavam arguir.

Dentre as referências culturais, podemos destacar não só a sua sólida projeção como jornalista, mas a sua majestosa e cinquentenária permanência nos quadros de cunho professoral na tradicional FIG-Unimesp, pioneira nos cursos superiores neste Município.

Jornalista de primeira ordem, dominava todos os assuntos com maestria e estava sempre em pé e à ordem para esclarecer dúvidas daqueles que buscavam soluções, na certeza indubitável de que sairiam com a resposta adequada, a origem e a melhor aplicação ordenada.

Para referendar a pujança do seu cabedal cultural, obrigado registrar um fato ocorrido num evento patrocinado pelo Sodalício, nos domínios das FIG-Unimesp, tendo como palco o Anfiteatro Professor Abílio Baeta Neves. Na mesa diretora formada por acadêmicos, autoridades e convidados especiais, o verbo soava como notas musicais para os amantes das letras, quando ressoou pelo suntuoso auditório uma frase que restará indelével em minha memória e, por retratar a indiscutível verdade, faço questão de assentar nesta póstuma homenagem:

Às tantas horas, a mestre de cerimônias anunciou a representante daquela Casa de Ensino, a diretora do Curso de Direito, professora Ossanna Chememian Tolmajian, que pouco falou sobre

o evento, porém, em contrapartida, não economizou palavras para enaltecer um dos pares a quem cognominou amigo, “Ary Baddini Tavares”.

Iniciou sua fala enumerando as qualidades do professor, retratando-o como: amigo, gentil, educado, parceiro, igual, generoso, solidário, versátil e inteligente, inteligente, inteligente.

A mandatária sacou da memória uma frase que sintetizou, fidedignamente, as qualidades, geniais e solidárias do mestre Ary Baddini: “Aqui na faculdade quando surgem dúvidas quanto ao vernáculo e/ou matérias correlatas, solicito a presença do senhor “Google”, menção elogiosa, mercedemente, destinada ao amigo que partiu para a Imortalidade.

Guarulhos, 27 de novembro de 2021.

Mauro dos Santos Oliveira
Acadêmico Efetivo



44 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE III
SINOPSE DAS ATIVIDADES
RECENTES DA AGL

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS: DE JULHO DE 2021 A AGOSTO DE 2022. A SAGA CONTINUA!

Mais uma etapa que se completa deixando para traz os feitos culturais que marcaram, mais uma vez, a luta, a dedicação, a entrega e o dinamismo dos laboriosos acadêmicos que, com seus denodos, construíram mais um capítulo da história do nosso Sodalício.

A AGL não estagna; contrário senso, pulsa freneticamente o ano inteiro e o seu desempenho é retratado nas 12 reuniões mensais que cuidam, exclusivamente, de cultura, conhecimento, língua pátria e matérias correlatas. Nas reuniões, eivadas de protocolos formais, nas últimas quartas-feiras de cada mês, é formado o Plenário para que os acadêmicos que compõem a mesa decidam e deliberem matérias que foram pautadas para aquele encontro. A essência dessas decisões será condensada e assentada nas próximas linhas, complementando, como regra, mais algumas páginas que contarão novo período iluminado da nossa Confraria.

O colegiado, por seu presidente, anunciou que o nosso saudoso Castelo Hanssen, tombado recentemente, será homenageado emprestando o seu nome para uma escola do nosso Município. A confreira Karla Maria foi uma das finalistas no Prêmio instituído pela CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O confrade José Augusto proferiu palestra no Rotary Club de Guarulhos – Vila Galvão com o tema “Dia Nacional do Escritor”. O confrade Valdir doou alguns livros para a biblioteca da AGL. Como sempre, no momento “Tribuna Livre”, os confrades fizeram uso do púlpito para mostrar seus talentos culturais.

A reunião de agosto tratou única e exclusivamente de atos protocolares, através de ajustes de datas e de roteiros inerentes ao dia a dia da vida acadêmica; porém, como ápice, destacou-se a honrosa e tradicional solenidade de reconhecimento: o confrade Valdir procedeu a entronização do quadro da confreira Antônia Conceição Vaz Duarte, instalando-o na galeria dos presidentes, gesto que provocou, além de muita emoção, manifestações dos pares em elogios e congratulações para a irrepreensível mandatária que dirigiu, brilhantemente, a Confraria por um biênio.

A reunião do mês de setembro tratou dos preparativos para o lançamento da Revista da Academia 2021, destacando-se a necessidade de mais participantes nesta empreitada, objetivando a manutenção do padrão cultural que norteou as edições pretéritas. O presidente Valdir esclareceu que algumas escolas pretendem se aproximar da AGL para o desenvolvimento de trabalhos em parceria e sob orientação dos acadêmicos. Vai visitar umas escolas para viabilizar o projeto. É tempo de suprir algumas cadeiras vacantes para incorporar alguns escritores da terra ao Sodalício. Para tanto, a Secretaria Administrativa, através de publicação em noticioso local, publicou Edital de Convocação orientando os interessados. No momento Tribuna Livre, os pares se expressaram sobre vários temas correlatos com a cultura.

Outubro se finda e a turma se reúne para sanear a pauta que contém matérias diversas e necessárias para a vida acadêmica. Os trabalhos que ilustrarão a próxima Revista já estão em poder do confrade Jerônimo para a devida conferência e diagramação. Assunto inusitado surgiu sobre o termo “Revista da Academia”, sugestão para mudar de Revista para Livro. Aos debates, com obe-

diência à tradicionalidade, a tese de Livro foi vencida para a manutenção do termo Revista. Quanto a convocação para novos membros, foram inscritos quatro concorrentes que serão submetidos ao crivo da banca examinadora. A Confraria luta e reluta para que seja instituído “O dia do Escritor Guarulhense”, projeto de lei que adormece nos escaninhos da Câmara de Vereadores de Guarulhos há anos. No momento Tribuna Livre, os confrades sucederam-se na apresentação de obras diversas, presenteando aos demais com sua pérolas.

O mês de novembro se nos apresenta melancólico: cabisbaixos, os pares se reúnem para prantear o passamento do nobre confrade Ary Baddini Tavares, que, recentemente, nos deixou, perdendo a batalha contra o tabagismo. Estará sempre em nossas mentes pela prática ilusória da imortalidade. O presidente anunciou que o material da Revista 2021 foi entregue na gráfica e que, face a notória falta de numerário nos cofres da AGL, a edição será de, apenas, 750 unidades. Valdir anunciou que, juntamente com a tesouraria estão viabilizando a substituição de Banco físico por outra instituição bancária na forma virtual, por medida de economia. A Secretaria informou que os quatro escritores inscritos para ocuparem cadeiras vacantes estão sendo avaliados pela comissão julgadora e, os considerados aptos passarão pelo crivo da assembleia que referendará a aprovação. O Colegiado, após consulta livre, deliberou que o encerramento dos trabalhos no Sodalício e o lançamento da Revista da Academia 2021, será no dia 14 de dezembro, às 19h30 no Espaço Café Bar, devidamente ciceroneado pela amiga Vera Novo. Na ocasião, a parte lítero-musical estará a cargo do maestro Colacioppo e da confreira Wilma. A acadêmica Antônia Duarte agradeceu aos pares pelos prestimosos serviços

em prol da Confraria e, em especial, à escritora e congreira Elaine Francesconi, por sua dedicação e habilidade na forma como ordenou os elogios para todos os membros em atividade.

Eis o alvorecer do mês de dezembro, trazendo a reboque alvissas com espírito natalino e que foram apreciadas pelos pares e seus convidados. Iluminaram com suas presenças o ambiente festivo, o rol que a seguir se vislumbra. Acadêmicos: Antônia, Mauro, Teresinha, Jerônimo, Maestro Colacioppo, Augusto, Jandilisa, Jacques, Aura, Bosco, Bismael, Devanildo, mais a congreira honorária Wilma Colacioppo e a escritora e amiga do Sodalício Elaine Francesconi. A seleta plateia, além dos amantes das letras, contou com a presença da senhora Regina Biagini e filhos, digna família do excelso acadêmico João Carlos Biagini, tombado recentemente e que deixou lacuna insubstituível em nosso rol de amizades. Estiveram presentes também funcionários da municipalidade guarulhense, a saber: Vitor Sousa, ex-secretário de Cultura e Antonio Carlos Fernandes, este representando o vereador Fausto Miguel Martello, presidente da Câmara Municipal. Para deleite dos presentes que foram ciceroneados pela acadêmica Wilma, os partícipes manifestaram-se através de suas obras, uns declamando e outros com seus dotes musicais. Todos sob a regência do nobre maestro Armando Colacioppo e acompanhamento dos músicos do Conservatório Musical de Guarulhos. Como manda a tradição, foram distribuídos os exemplares da Revista 2021, encerrando, não precisamente mais um ano de atividades, mas, o encerramento dos trabalhos dos acadêmicos no período que ora finda. Cabe ressaltar o gesto nobre da acadêmica Jandilisa, que doou para a Confraria uma de suas obras que será transformada em numerário em favor da instituição.

Janeiro surge precedido de notícia alvissareira: embora que tardiamente, o presidente informou que através do Decreto 38.690 publicado no Diário Oficial de Guarulhos, concretizou-se a denominação de uma escola em nosso Município em homenagem ao saudoso imortal Aristides Castelo Hanssen, por sua colaboração expressiva na cultura deste Município. O confrade Augusto Piniheiro sugeriu à mesa que a escritora Elaine Patrícia Maltez Souza Francesconi seja erigida ao posto de Acadêmica Honorária, por sua dedicação ao Sodalício e seus feitos elogiosos em prol dos acadêmicos, aos quais homenageou pelas esmeradas obras que ilustram os seus acervos. Para futura decisão, a acadêmica Antônia foi incumbida de pesquisar sobre a escritora Elaine e manifestar-se acerca da decisão. Ato contínuo, a confrreira deu o seu veredito: concordo plenamente com o precursor da moção, confrade Augusto, aderindo à concessão da láurea e solicito à mesa que ouça os confrades presentes para se manifestarem, hoje mesmo, sobre o tema. Valdir lançou a sugestão aos demais partícipes da reunião, presentes e virtuais, culminando com a aprovação unânime, referendando o pleito, para declarar a escritora Elaine como membro honorária da Confraria.

É publico e notório que a AGL não recebe proventos dos órgãos públicos e de nenhum outro órgão de nossa Urbe; portanto, subsiste da colaboração espontânea dos seus membros que se cotizam para suprir a demanda que incide onerosamente sobre a instituição. Nesta linha de raciocínio, vale registrar que há algum tempo não possuímos medalhas para condecorar os pares iniciantes, por absoluta falta de verba. Nesta reunião de fevereiro, a confrreira Elaine apresentou o seu vasto cabedal de conhecimentos e exposição de suas obras, agradecendo aos acadêmicos a sua in-

serção como membro honorária da Confraria. Lembrou que seus laços com a AGL são afetuosos desde tenra idade, pois, filha de um membro fundador, Dr. Laerte Romualdo de Souza, brincava de correr e fazer arte nos corredores da sede do Sodalício e era papericada por muitos dos nossos ancestrais.

O mês de março traz para considerações do plenário notícia pesarosa e inédita, consistente em atitude nunca d'antes revelada. Um dos membros mais antigos da nossa turma, Lineu Roque Aceiro, sem nenhuma justificativa plausível, enviou carta datilografada para a Secretaria Administrativa com o seguinte teor: “Valho-me desta missiva para apresentar a minha exoneração do cargo de Acadêmico Efetivo, cujos motivos preservo-me no direito de não declinar. Informo, outrossim, que minha decisão é absoluta e irreatável”. Sem possibilidade de tentar reverter a intensão do misivista, pelos próprios termos declinados, a turma decidiu remeter ao escritor carta de agradecimentos pelo bom e longo exercício destinado às causas acadêmicas. No que tange ao tema “Falta de Insígnias”, a Tesouraria manifestou-se esclarecendo que a verba disponível para estes itens, resume-se à quantia de R\$ 300,00, o que inviabiliza qualquer pretensão na necessária aquisição.

Abril propicia a quarta reunião de 2022, obedecendo o protocolo, e os membros presentes são saudados com palavras de benquerença e com os acordes magistras do Hino da confraria tão bem executados pelo maestro Colacioppo. A assembleia deveria decidir sobre assunto de real importância, porém, com quórum presencial diminuto, não pôde deliberar, considerando que os debates não incluem os membros que militam virtualmente. Registro nestes assentamentos que a falta de insígnias representativas

do Sodalício depende do provimento de verbas que a Tesouraria alega insuficientes, provocando o desconforto de não haver medalhas para acadêmicos efetivos. A acadêmica honorária Elaine Patrícia informou que está prestes a publicar um livro digital sobre as homenagens que prestou e que ilustraram as obras dos acadêmicos. Por sugestão da confrreira Jandilisa Grassano, foi aprovada por unanimidade a concessão da Medalha do Mérito Cultural João Ranali à artista plástica Lisete Cardoso Neves Metram.

O mês de maio recepciona uma reunião de peso considerável no que tange imprimir marcha evolutiva na ascensão obrigatória da AGL. Novamente o quórum diminuto para uma reunião que deve decidir sobre assuntos importantes, exigiu a argúcia dos membros presentes, a solução foi maquiuar os Estatutos e convocar os virtuais para deliberar sobre matéria improrrogável. O presidente sugeriu apresentar um evento cultural no Salão de Artes do Centro Adamastor com venda de convites e a verba auferida destinada à AGL. O evento foi um sucesso com exposição de obras da confrreira Jandilisa e da artista plástica Lisete Metram, agraciada solenemente com a Medalha do Mérito Cultural João Ranali, culminando com a apresentação magistral do confrade Valdir na representação da obra autoral “Versos Roubados”.

O mês de junho, que retrata festas juninas, aqueceu a emoção do presidente Valdir que, satisfeito, manifestou-se sobre o sucesso da reunião desenvolvida em prol da cultura e dos amantes das letras. O ambiente foi ricamente emoldurado com quadros expostos pelas artistas plásticas: Jandilisa e Lisete Metram e foram dispostos no recinto por um grupo de acadêmicos e amigos da Confraria. Valdir informou aos pares que no mês de agosto ocor-

rerá a Bienal do Livro de Guarulhos, lembrando que a AGL contará, como dantes, com um estande para exposição e atendimento público. Com muita honra e galhardia, nesta reunião foram consagrados para a imortalidade os doravante confrades, escritores: Milton Cesar Bassuma – heterônimo Yannick Bassuma; Wellington Alves da Silva e Francisco de Souza.

Julho ainda traz o frio que dá o tom do inverno, mas, propicia uma reunião acalorada, levando-se em conta o teor da pauta que registra matéria de suma importância. A força da informática predomina e os valorosos acadêmicos buscam se amoldarem ao modernismo que se nos apresenta e, neste diapasão, o presidente Valdir não mede esforços para estudar e se atualizar no modo virtual da comunicação, conseguindo informatizar o desenvolvimento dos trabalhos. Após a apresentação do Hino da confraria que dá rito solene ao encontro, o confrade Jerônimo sugeriu que a melodia seja transformada do CD para um Pen Drive, facilitando a execução. De se esclarecer que a providência foi tomada em tempo recorde. O presidente discorreu sobre a 2ª Bienal do Livro de Guarulhos que será realizada no mês de agosto e, como sempre, haverá um estande para o Sodalício, convocando os pares para participarem maciçamente do evento. Ao ser anunciado o local da Bienal, prontamente o confrade Jerônimo que reside nas cercanias, num gesto nobre, colocou à disposição dos acadêmicos de fora, a sua residência para ser usada como ponto de apoio. Desde a informação sobre o maior evento cultural realizado bienalmente em nossa Urbe, iniciaram-se os trabalhos para a participação do Sodalício, com sua significativa representatividade como único órgão reconhecido pelo poder público que cultua, zela e dissemina a cultura em nosso Município. Com o auxílio do confrade e

ex-presidente Clóvis Domingues, que pesquisou alternativas no mercado de produção de insígnias, foram adquiridas 50 medalhas no material Zamak, material que não diferencia muito das anteriores, cunhadas em latão.

Agosto, não sei por qual motivo, se nos apresenta como mês de “mau agouro”, porém, para a nossa Instituição não se aplica essa regra. Sob os auspícios da Prefeitura de Guarulhos, foi instalada em nossa cidade a “Segunda Bienal do Livro de Guarulhos” no dia 4 de agosto e que se estendeu até o dia 14. Considerando que a AGL teve participação ativa no evento, com inúmeros acadêmicos se destacando nas atividades culturais, primordialmente, na montagem do estande devidamente identificado com o nome no frontispício, na ordenação de móveis e livros, no zelo e segurança do ambiente e, principalmente, no atendimento ao público cujo afluxo foi de grande monta, o resultado foi um sucesso inesperado. O movimento foi grandioso com o interesse em descobrir que, em nossa Urbe, existe uma Academia de Letras, enquanto os acadêmicos matavam a curiosidade e distribuíam livros aos amantes da cultura, respondendo às inúmeras perguntas e posando para fotos por solicitação dos visitantes. Foram distribuídos graciosamente 300 exemplares da Revista da AGL. Parte do valor auferido com a venda de exemplares de acadêmicos foi doada pelos autores. Como fato digno de registro, tendo como palco o Auditório Amarelo e uma plateia composta por escritores, famílias, autoridades, políticos e amantes das letras, foram empossados com a efetividade naquele ambiente cultural, os escritores: Milton Cesar Bassuma; Francisco de Souza e Wellington Alves da Silva, com todas as honras e méritos atinentes à conquista da Imortalidade.

O mês de agosto, contrário senso do dito popular, em termos culturais foi iluminado e profícuo para a Confraria, pois, embora trabalhoso e cansativo, trouxe-nos a grata satisfação de agregar quatro escritores de considerável jaez ao nosso quadro acadêmico, que foram empossados com pompas e honras dentre as inúmeras atividades culturais daquele evento. Se hoje o quórum da reunião de agosto se revela expressivo, marca as primeiras presenças dos três noveis imortais e da acadêmica honorária. O presidente Valdir, com o seu senso de justiça apurado, teceu comentários eivados de positivismo sobre o sucesso da Segunda Bienal, destacando a solenidade de posse dos novos acadêmicos que hoje debutam com a imensa responsabilidade de zelar, cuidar, disseminar e manter a cultura em nosso Município. Há que se lembrar, no entanto, que o presidente Valdir, mais alguns acadêmicos, tiveram de manter consecutivas tratativas com a administração da Bienal para conseguirem um estande à altura do Sodalício, luta esta coroada de êxito pela movimentação estrondosa do nosso espaço de exposição.

As notas assentadas neste resumo retratam fidedignamente os atos e decisões perpetrados pelos acadêmicos nas treze reuniões pretéritas e, nestes termos, encerraremos nossa viagem pelo tempo para deixar registrada a História da Confraria nas páginas desta revista, até a presente data.

Mauro dos Santos Oliveira
Acadêmico Efetivo

Teresinha Silva Maltez de Souza
Acadêmica Efetiva



~ 44 Anos ~
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE IV
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL
JOÃO RANALI

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI

Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO
OSCAR GONÇALVES
ARISTIDES CASTELO HANSSSEN
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:

CLOVIS DOMINGUES
ARMANDO ATTILIO COLACIOPPO SOBRINHO
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporações Musicais:

BANDA LIRA DE GUARULHOS
ORQUESTRA DE VIOLEIROS CORAÇÃO DA VIOLA

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS

Artista Plástica e Professora:

LISETE CARDOSO NEVES METRAM



44 Anos
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

**PARTE V
HINO DA AGL
LETRA E PARTITURA**

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro dos Santos Oliveira*

1ª estrofe

Somos todos arautos de luz
Semeamos as letras e os versos
E o que falta, a escrita conduz
E a cultura inunda o universo.

2ª estrofe

E ao plantar letras pelas aldeias
Em processo de semeadura
Cultivando os livros à mancheia
Promovendo o saber e a cultura.

Refrão (Bis)

Honrando sempre os ancestrais
Os seus legados são eternos
Conferindo a paz aos imortais.

HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro Santos de Oliveira*

Introdução

7 $\%$
Canto - 1ª estrofe

So-mos to - dos A-rau-tos de lu - uz, se - me-am-mos as letras e os ver - sos, e o que

13 2ª estrofe

fal - ta a es-cri-ta con-du - uz e a cul - tu - ra i-nun-da o u-ni-ver - so E ao plan-tar le-tras pe - las al - dei - as em pro -

19 Coro - Refrão

ces-so de se - me-a - du - ra cul-ti - va-do os li-vros à man-che-ia, pro-mo-ven-do o sa-ber e a cul-tu - ra Hon-ran - do

26 Bis - Dal $\%$

sem-pre os an - ces - tra - is e os seus le-ga-dos são e - ter - nos, con-fé - rin - do a paz aos i-mor - tais

33 Coda Finale

Fine

Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*

Edição: *Dr. Euclides Tadeu Shergue*



🌀 44 Anos 🌀
Trabalhando pelas Letras Guarulhenses

PARTE VI
GALERIAS

**PRESIDENTES
ATÉ O ANO XLIV**



Gasparino José Romão
Gestão 1978 - 1998



João Ranali
Gestão 1998 - 2000



Flávio Cleto Giovanni Trombetti
Gestão 2000 - 2001

Adolfo Vasconcelos Noronha
Gestão set/2001 a mar/2002
O presidente faleceu e a gestão foi concluída
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.





Milton Luiz Ziller
Gestão 2002 - 2003

Ary Baddini Tavares
Gestões 2003 - 2004 e 2014 - 2016



Armando Atílio Colacioppo Sobrinho
Gestão 2004 - 2006



Bismael Batista de Moraes
Gestão 2006 - 2008



Aristides Castelo Hanssen
Gestão 2008 - 2010



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Gestão 2010 - 2012



Clovis Domingues
Gestão 2012 - 2014



José Augusto Rodrigues Pinheiro
Gestão 2016 - 2018



Antonia Conceição Vaz Duarte
Gestão 2018 - 2020



HOMENAGEM GRATIDÃO

Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza, que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.

Entre tantos desdobramentos que nos inspiraram a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.

“NA ACADEMIA EXISTE VIDA.”

Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo segundo ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.

*Clovis Domingues
Acadêmico Efetivo*

GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS
NESTE ANO XLIV

Alexandre Gargano Cavalheiro



André Figueiredo Rodrigues

Antonia Conceição Vaz Duarte





Armando Attilio Colacioppo Sobrinho



Aura Gold

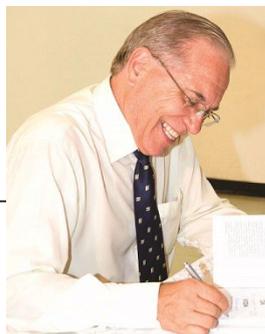


Bismael Batista de Moraes



Clarimundo Oliveira Aguiar

Clovis Domingues



Devanildo Damião



Fábio Cardoso dos Santos



Francisco de Souza





Fernando Canto Berzaghi



Gil Campos de Farias



Isabel Borazanian Macedo de Oliveira



Ivo de Souza

Jacques Miranda de Oliveira



Jandilisa Grassano



João Bosco da Silva



José Augusto Rodrigues Pinheiro





José Roberto Jerônimo



Karla Maria



Marlene A. Torrigo

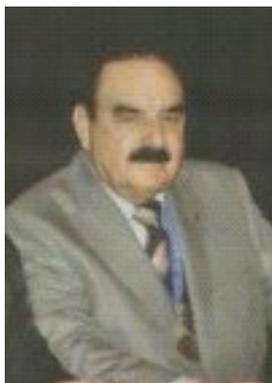


Mauro dos Santos Oliveira

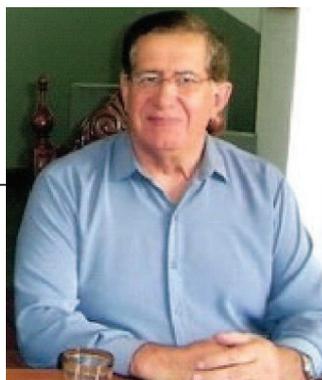
Plínio Tomaz



Sebastião Dácio de Moura Montans



Sívlio Ribeiro



Teresinha Silva Maltez de Souza





Valdir Carleto

Wellington Alves da Silva



Yannick Bassuma
